

THIS I AM I O

Gil
Cleber
†
Poesia

TESTAMENTO

Gil Cleber

Testamento

P o e s i a

Projeto de capa e arte-final: Gil Cleber
Todas as ilustrações são de autoria de Gil Cleber

Este livro foi inteiramente formatado no MS Word-2003, com o corpo do texto em Garamond 11 pt e títulos em Poor Richard 23 pt, Freestyle Script 20 pt e Baskerville Old Face 13 pt.

© Gil Cleber Duarte Carvalho

O conteúdo deste livro não poderá ser alterado, reproduzido nem utilizado comercialmente. Pode, no entanto, ser redistribuído, em formato eletrônico ou impresso, desde que gratuitamente.

Este livro está registrada no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional.

Nota essencial:

Sendo o autor terminantemente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato:

gilcarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Desenho e Poesia

Do texto.

Em seu projeto inicial, este livro seria composto apenas pelo poema *Diálogo da Agonia*, que ora figura na primeira parte. Seria um livro muito menor, tendo em vista o tipo de ilustrações pretendidas de início (do que falarei adiante), mas como aquela primeira idéia de ilustrações não vingou, comecei a imaginá-lo com um número maior de páginas e poemas. Ao escrever *Testamento*, percebi que seria este o poema-título, destinado a compor a terceira parte. A essa altura já havia também começado a fazer uma seleção de poemas a serem acrescentados ao livro, que no fim alcançou um número de páginas não cogitado de início.

No entanto, a idéia sempre foi incorporar poesia e desenho, de tal forma que as ilustrações não aparecessem como algo exterior, mas como parte do próprio texto. Reconheço que se tratava de um projeto ambicioso, e se obtive ou não o resultado esperado é um julgamento que deixo à sensibilidade do leitor, que, imparcial, estará melhor qualificado para decidir.

Das ilustrações.

Minha idéia a princípio era trabalhar com gravura em metal e, com isso, fazer uma pequena tiragem (uns 50 exemplares, ou pouco mais) contendo obras originais, assinadas e fixadas com dois pequenos pontos de cola na página onde cada uma deveria figurar, compondo um livro exclusivamente de Arte.

Mas havia um impedimento: eu não tinha, como não tenho, nenhum conhecimento de como

trabalhar com gravura em metal, um processo nada simples, e me pareceu pouco viável aprendê-lo para, em seguida, utilizá-lo num projeto que eu pretendia de boa qualidade, mormente porque só após muita prática eu seria capaz de obter resultados que dependeriam de grande apuro técnico.

Diante de tal dificuldade, optei pelo desenho: embora não seja um grande desenhista, possuo um sofrível domínio do lápis, e o resultado obtido ao final dos trabalhos não me pareceu de todo insatisfatório. Todos os desenhos são a lápis, excetuando: uma aquarela para o poema *Testamento*, a ilustração do poema *Agonia*, que se trata de uma fotografia que fiz, de uma árvore (a mesma que aparece na contra-capá), modificada digitalmente; a ilustração de *A Construção do Poema* e duas outras, do poema *Diálogo da Agonia*, que receberam efeitos digitais: das 47 ilustrações, apenas uma é inteiramente digital e três receberam modificações digitais, de forma que a interferência do computador não deve ser sobreestimada.

Do projeto.

O leitor, no entanto, poderá argüir que o projeto inicial de fazer uma certa tiragem com obras originais e assinadas, conforme referi, tenha minuído.

De certa forma, porém, o projeto permanece.

Senão vejamos: grosso modo, uma gravura em metal não é mais que a reprodução — ou impressão — por meio mecânico de uma imagem previamente criada e gravada numa placa de metal, que constitui a matriz; essa matriz recebe a tinta e passa por uma prensa junto com o papel, onde a figura — isto é, a criação propriamente dita — é impressa, sendo extraído por esse processo um certo número de cópias a fim de completar a tiragem pretendida pelo autor. O que confere originalidade como obra de arte a cada uma das cópias é esse conjunto de procedimentos realizados pelo

gravador, ou seja, a criação de uma figura e a respectiva elaboração da matriz dessa figura no metal, o entintamento dessa matriz, sua passagem pela prensa para que a figura seja gravada no papel e, para finalizar, a assinatura do artista.

Pode-se dizer, sem medo de errar, que, embora o processo eletrônico não tenha a secular tradição nem o *glamour* da gravura, nele estão de certa forma presentes os passos acima descritos: existe, sem sombra de dúvida, a matriz, que é o desenho a lápis no papel. Enquanto o gravador entinta sua placa de metal aplicando-a ao papel na prensa, no processo eletrônico a imagem é digitalizada e transferida para o computador e, daí, para a impressora, onde a imagem será impressa no papel. Por fim, feitas as cópias, cada uma receberá o número de ordem em que foi impressa e o da tiragem, bem como a assinatura do autor. Caberá a este, por questões de idoneidade, não imprimir uma tiragem maior do que a indicada, o que seria uma falsificação, coisa aliás também possível pelo meio mecânico.

O resultado será, indiscutivelmente, um livro de Arte, desde que o autor seja criterioso na escolha de um papel de boa qualidade e de uma tinta resistente à água, além de ter os cuidados com o equipamento para que a impressão seja excelente. No final do processo cada uma das imagens, que deverá ser impressa independentemente do texto, será sem dúvida alguma uma obra original — vale, nesse caso, a meu ver, a intenção e a idoneidade do artista. Compreende-se que, em termos de mercado, não se poderá comparar à importância da gravura tradicional, que tem atrás de si centenas de anos de estudos, desenvolvimento e aperfeiçoamento técnico, mas de forma alguma poder-se-ão questionar a originalidade e autenticidade da arte produzida pelo meio eletrônico.

Finalizando...

Não me parece importante, porém, a forma

com que este livro chegue às mãos do leitor — seja como um livro de Arte, mais dispendioso e elegante, como inicialmente pretendido, seja numa tiragem artesanal doméstica, ou, quem sabe para o futuro, numa edição feita por uma editora, e até mesmo em formato eletrônico —, meu desejo é que ele alcance o objetivo maior da Arte: o enriquecimento interior das pessoas.

Diálogo da Agonia

A Lâmpada Apagada

Testamento

1ª Parte

Diálogo da Agonia.....	17
------------------------	----

2ª parte

A Lâmpada Apagada.....	43
------------------------	----

Anoitecer	45
Sinais	46
Tédio	49
Santificação.....	51
Para escrever um poema.....	53
Profecia	54
Crime.....	57
A construção do poema	61
(despe a tua roupa...)	63
Desequilíbrio.....	65
Revelação.....	67
Flores	69
Escrava.....	70
Amor desesperado.....	73
(viver é um vão...)	77
Na alcova nupcial	79
Os que chegam sem rumor	81
Ludíbrio	82
Vigília	85
Agonia.....	89
Turbação	91
A lâmpada apagada.....	92

3ª Parte

Testamento.....	95
-----------------	----

Dedico este livro ao mestre gravador

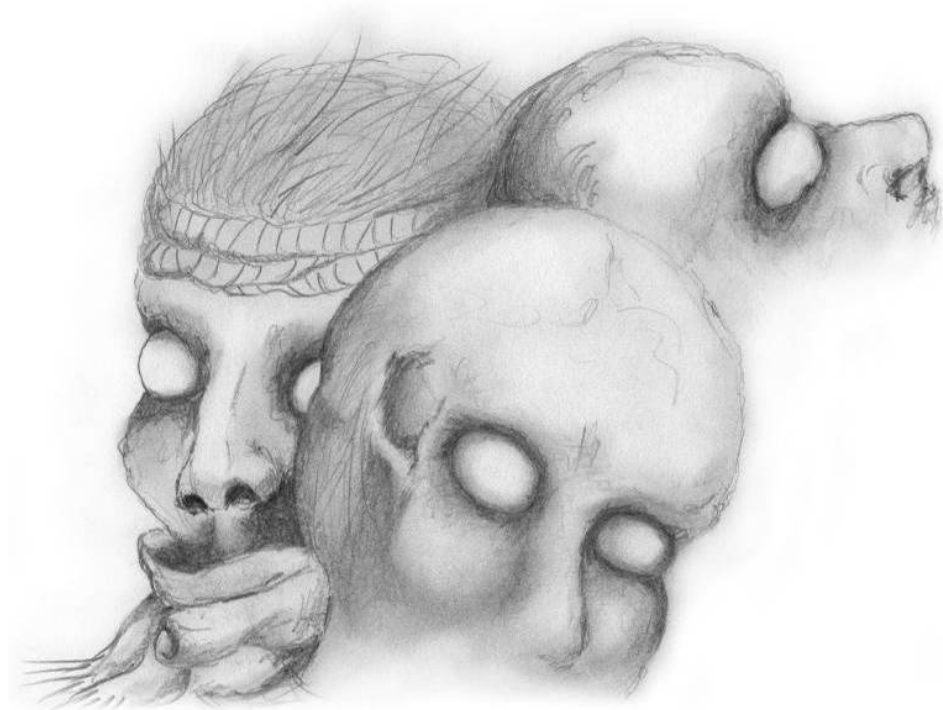
Orlando Dasilva

e à amiga

Ludwika Piekut

1^a Parte

Diálogo da Agonia



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

Os cegos:

De dentro das furnas,
Debaixo das lápides,
Do fundo dos poços
Eleva-se a voz.
É preciso escutar a voz,
Ainda que teimem em afirmar que não há voz alguma.

O morto:

Quero que os meus ossos permaneçam à mostra,
Quero que fiquem brancos sob o sol.
Minha caveira,
Relicário refletido no espelho dos olhos,
Há de luzir feito archote
Na escuridão dos dias...

O carrasco:

Os ossos do morto
— assim o querem os Homens —
Devem permanecer enterrados.

O poeta:

É preciso escrever um poema,
Falar dos relógios
Com seus números apagados,
Dos sonhos que passam
Sem fazer sombra,
Desses muitos e esqueléticos cavalos amarelos
Que vêm em cavalgada
E não param de passar...

Um revoltado:

É preciso
Urgentemente



Desenho a lápis, 42 cm x 59 cm

Gritar palavras!
Atirar bombas!

Os Homens:

Um morto não tem voz,
Não tem vez,
É lábio cimentado.

Os cegos:

Queremos ler livros,
Conhecer
— míseros que somos —
A luz da palavra.

O morto:

Minha pele é um pergaminho,
Um livro,
Um epitáfio...

Os Homens:

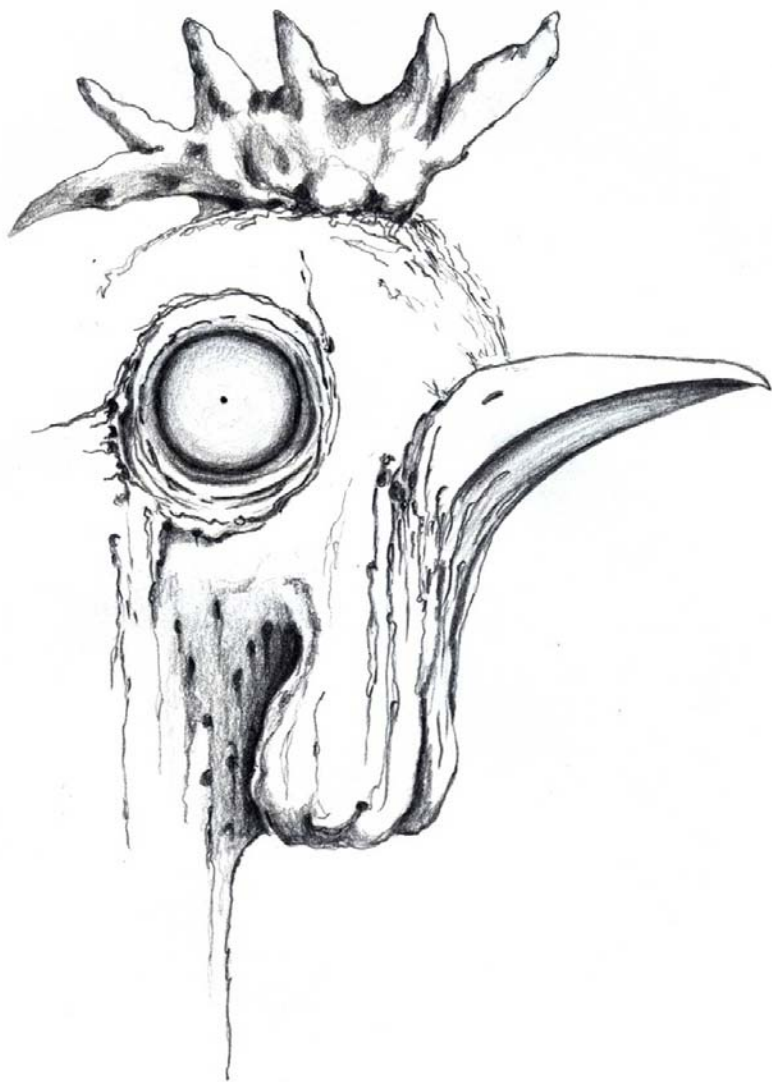
Tua pele apodreceu.

Um revoltado:

Há que se escrever um manifesto,
Não sei bem ainda sobre quê
Pois tudo está por enquanto muito escuro,
Mas, escrito, deverá ser estampado
A força
Em todas as paredes,
Todos os muros,
Todas as prisões...

O morto:

Há um livro escondido
No coração dos mortos,
E os vermes ameaçam devorá-lo...



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

Um galo no alvorecer

(desperta o galinheiro com seu canto rouco
pensa acordar o mundo)

Os Homens:

Não é preciso
Lamentar um morto,
Há muita gente nas cidades:
Logo tudo cai no esquecimento.

Outros Homens:

Pode-se dar uma grande festa...

Outros Homens:

...um carnaval...

Outros Homens:

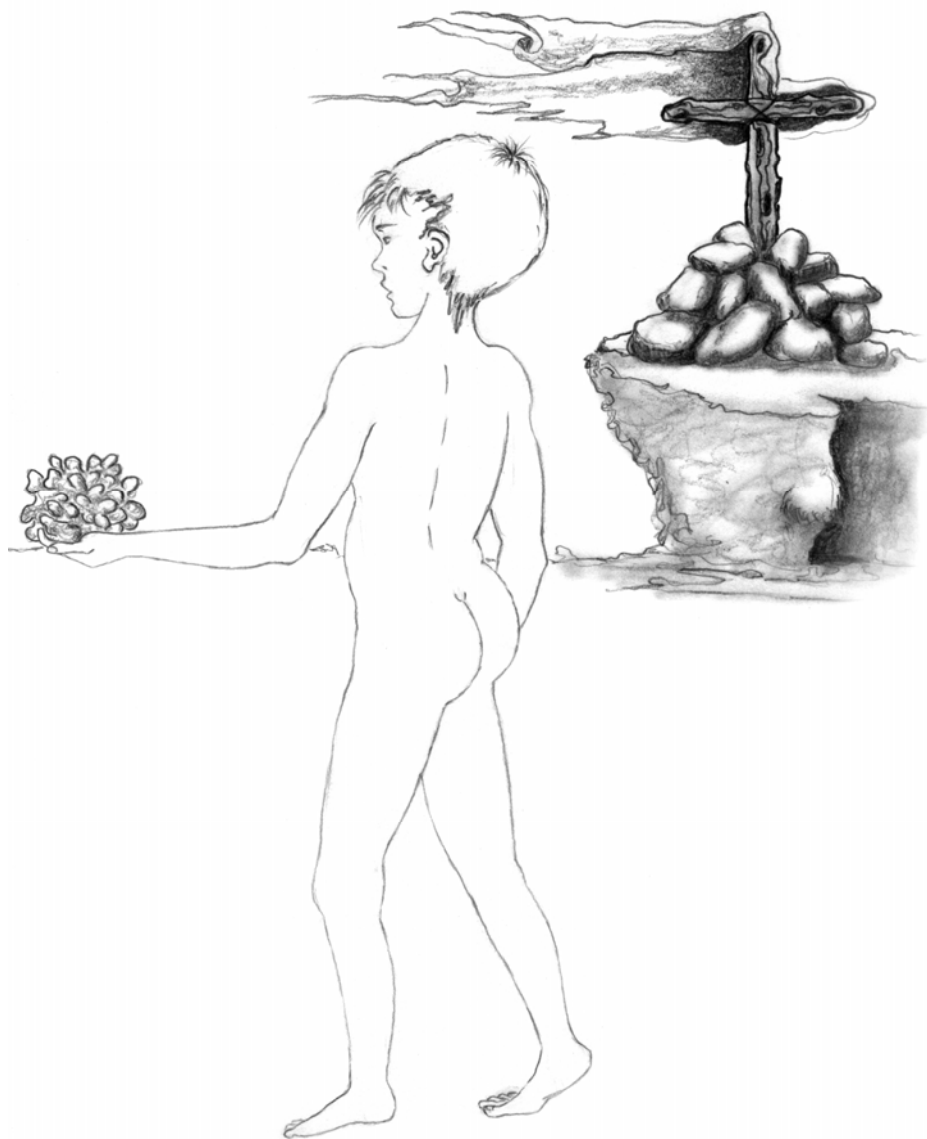
...uma tourada!

Os primeiros Homens:

Abrir uma casa de tolerância.
Que idéia! E ainda ganharemos dinheiro.

As prostitutas:

Aqui estamos para o que viemos:
Nossos corpos são abrigo,
Nosso carinho, delícia,
Nosso beijo, mel! Que digo?
Entre nossas pernas
Guardamos o segredo de nossa falácia...



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

Os cegos:

Também precisamos nos divertir,
Dançar um pouco,
Tropear por aí...
Arrasta-se uma vida tão estreita!...

Os Homens:

Mas que história é essa
De livros numa sepultura?
Quem já ouviu
Coisa tão absurda?

O carrasco:

Não há livro algum na cova,
Eu mesmo verifiquei.
A lápide é nova
E está bem selada.

Um menino, só:

O rei está nu!

Outros meninos, gracejando:

Todos estamos nus.
Mas antes nus que famintos.

O menino só:

Na palma da minha mão
Nasceu um crisântemo.
No meu coração
Outra flor...



Desenho a lápis com aplicação de
efeitos digitais, 21 cm x 29 cm

O poeta:

Na terra que mana leite e mel
Encontrarei minha porção
De sangue e lama

Uma menina (levantando as mãos):

Este é o meu primeiro sangue.
Outro corre em minhas veias,
Outros emergirão de mim
Como nascentes,
Mas nenhum
Será igual a este...

O poeta:

Eu, como Ulisses,
Tenho um cão.
Todas as manhãs ele abana-me o rabo
E vem comer biscoitos na minha mão.
É um bom animal.

O otimista:

O homem que tem um cão
Jamais está sozinho.

O morto:

Deveis ler o livro
Não obstante a ameaça dos vermes.
Fazeis isto
Antes de comerdes o pão
E beberdes o vinho,
Para que estejais puros
Na hora do sacrifício.



Composição de desenho a lápis (cão) com fotografia (fundo) modificada digitalmente,
29 cm x 42 cm

Os cegos:

Faz muito frio
Neste fim de outono.
Chegando o inverno,
Os dias se tornam curtos,
Escurece muito cedo...

O poeta:

Um homem que tem um cão
Nunca está só.
Um homem que faz versos
Não conhece a paz.
Minha mãe cantava poemas para eu dormir...

Outros cegos:

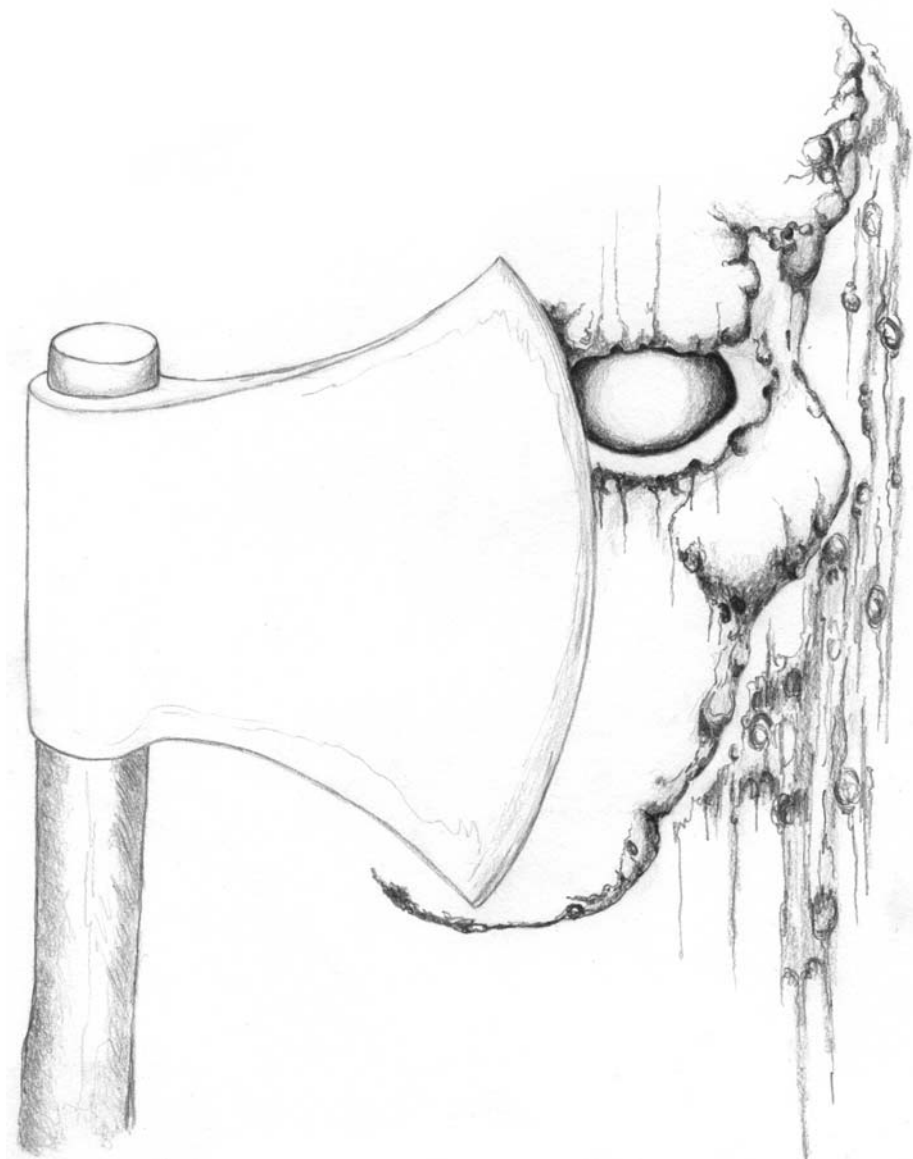
No inverno
Nos recolhemos para o escuro de nossas alcovas...
Nossas sórdidas alcovas,
Nossos redutos secretos,
E ali esperamos...

O menino só:

O crisântemo,
Quando florir na minha mão,
Será lâmpada,
Luz,
Direção segura.

O poeta:

Eu tenho um poema,
E meu poema é uma rocha,
Um cão raivoso,
Uma flecha espetada
No orgulho dos Homens...



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

Outros meninos:

Que importa que o rei esteja nu!
Queremos apenas brincar de guerra,
Vencer o inimigo...

Os Homens:

Há livros
Que não devem ser lidos,
Quem os escreve
Não pode ser admitido entre nós.

Outros Homens:

Apoiado!
Um poema de nada vale!
É preciso fazer com que esse importuno se cale.

Os Homens:

Quem, no entanto,
O fará sem asco?

Outros Homens:

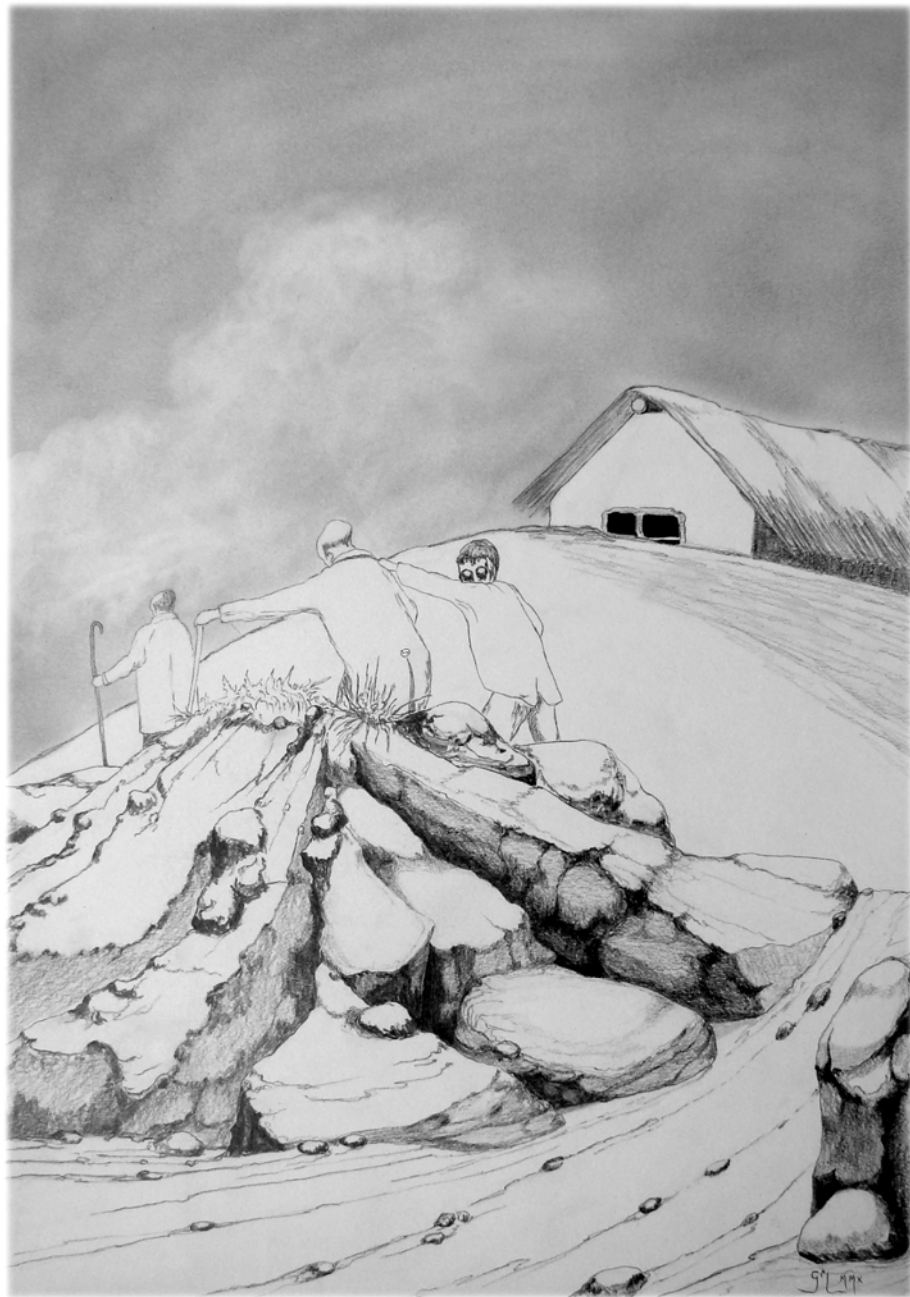
Eis o carrasco.

O carrasco:

Não guardo lembranças,
Não leio livros,
Estou morto.

Um galo, ao meio-dia

(canta esganiçado
cabeça rubra feito um enorme cravo indecente
o pequenino olho piscando)



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

Uma menina:

Hoje, sou apenas uma menina,
Mas um dia serei mulher
E terei um filho.
E quando for mulher
E tiver um filho,
Farei com que durma
Escutando poemas.

Os cegos:

Precisamos deixar o abrigo de nossas alcovas,
Nossos medrosos refúgios.

Outros cegos:

Por enquanto, não.
Esperemos que o sol
Venha esquentar os dias,
Na primavera.
Talvez então possamos sair e escutar a voz...

O carrasco:

Não pondero
Nem discuto:
Executo.

Os Homens:

Então execute!
Não queremos saber de novas idéias...

O carrasco:

Eu não tenho idéias,
Tenho piolhos.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

Os Homens:

...e tampouco de quem as propala.
Livre-nos desse mal!

O carrasco:

Ordem é ordem:
Cumpre-se afinal.
Livre-os!
(— Não, não livros,
Do que eles precisam
É o chicote
Que os enxote!)

Os meninos:

Nossa guerra é brincadeira,
Inimigo de mentirinha...

O menino só:

Por que, então,
É tão verdadeiro o ódio?

O cão

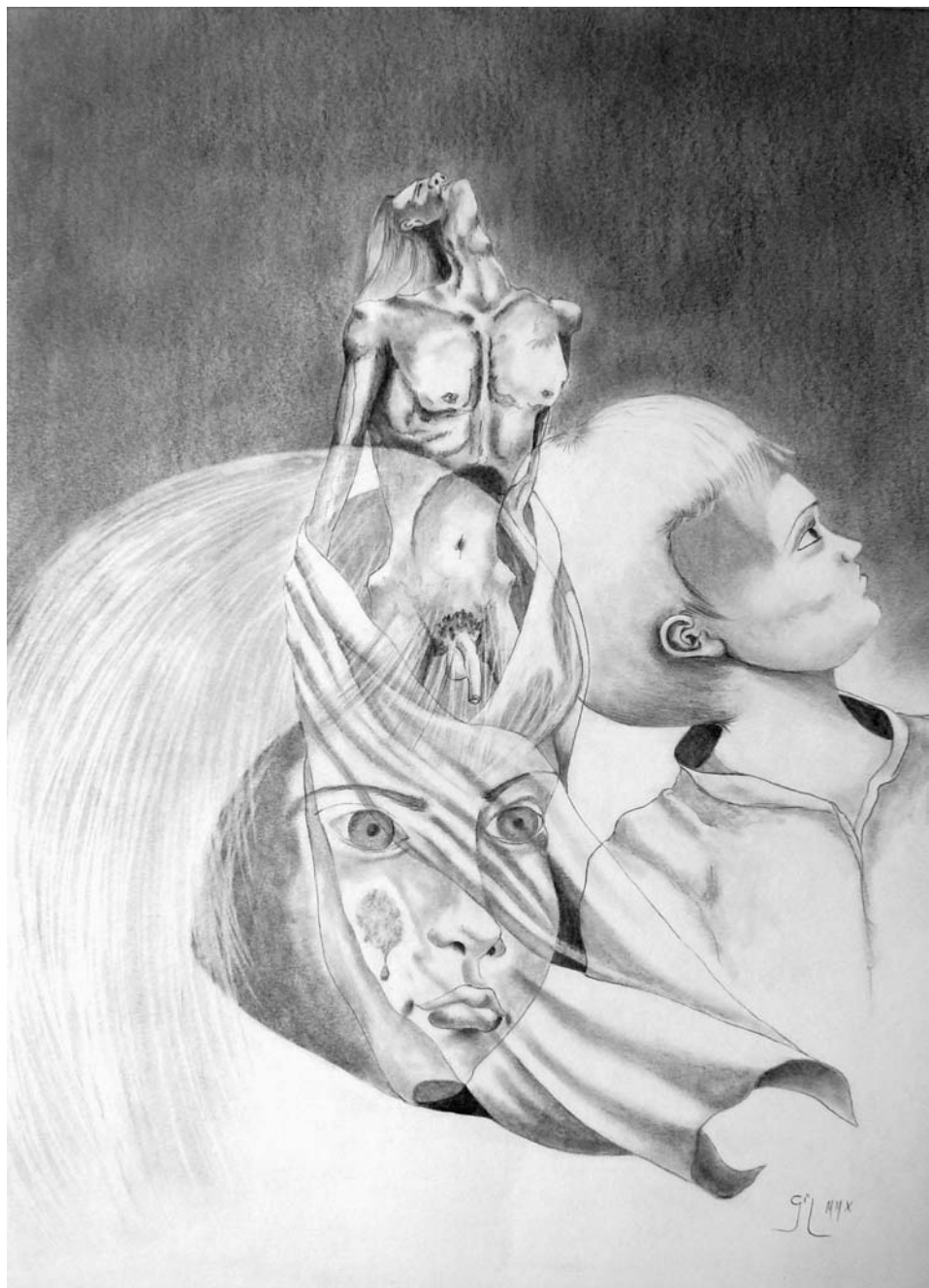
(não conhece Argos
jamais esteve na Grécia
mas ama seu dono)

Um galo, ao anoitecer

(um olhar redondo para o sol que se põe
o último milho do dia
o poleiro e a noite...)

Alguns meninos:

Mataram alguém!



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

Outros meninos:

Não!
Nossa guerra é fingimento,
Jogo,
Alegria...

O cão

(fareja o chão
escava a terra)

O menino só:

Não se finge uma ferida
Que atravessa o coração.
Ouvir dizer que ele escrevia versos...

Um transeunte (explicando):

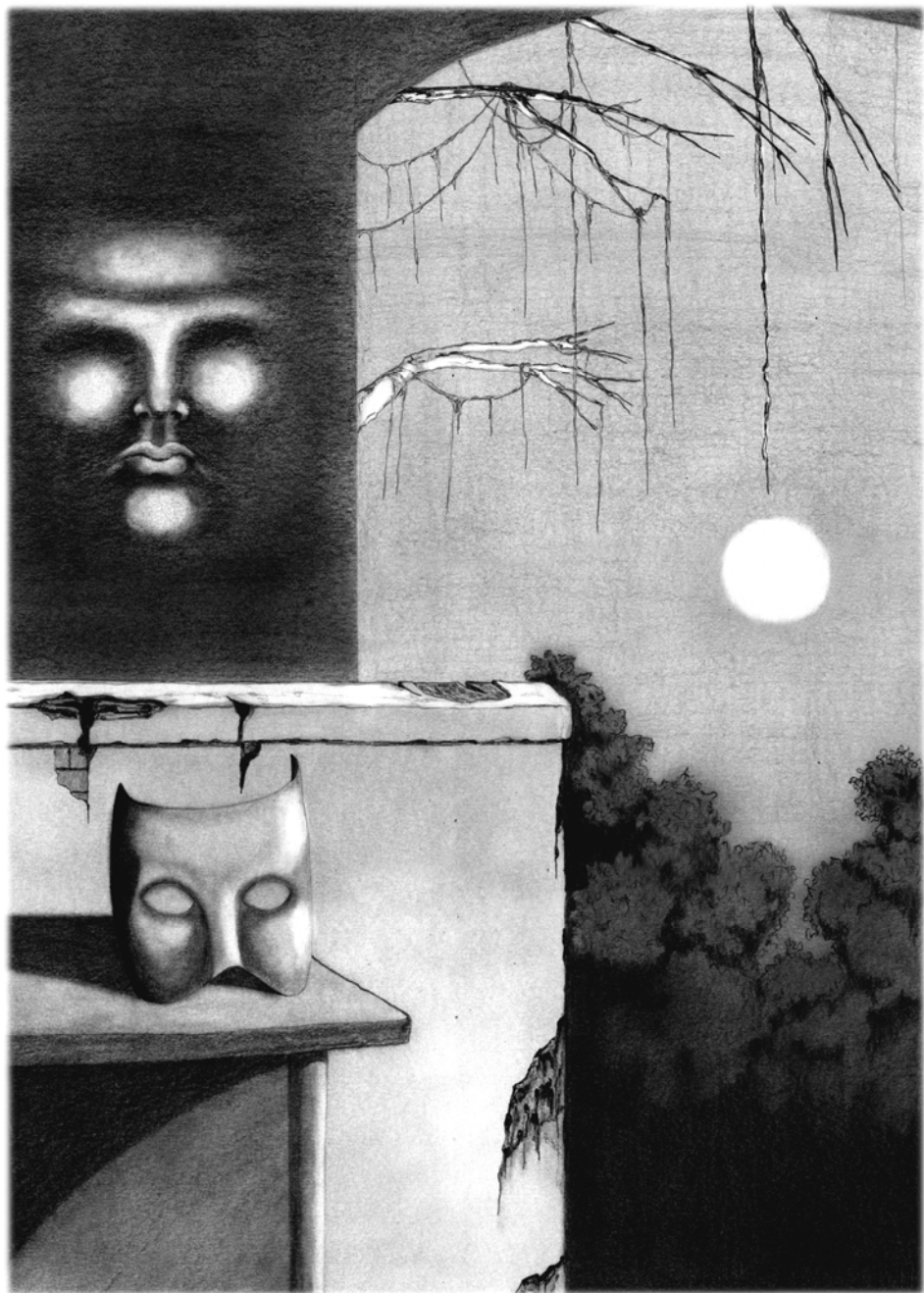
Ele estava muito magro
E quase nu,
Sua pele parecia um couro ressequido
E seu sexo,
Ah, pobre dele,
Era apenas um langanho mole entre as pernas.

Outro transeunte (concordando):

Sim,
E afinal
Talvez não tenham sido aqueles que os Homens contrataram
Mas a fome
E o frio...

O menino só:

Foram a fome e o frio,
Foram os contratados dos Homens...
Fomos todos nós.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

A menina:

Tingi as faces com meu primeiro sangue,
É o sinal do meu corpo,
O símbolo da vida que virá de mim...

Os Homens:

Não há lugar para símbolos
E imposturas!
Temos compostura,
Acreditamos nas verdades estabelecidas!

A menina:

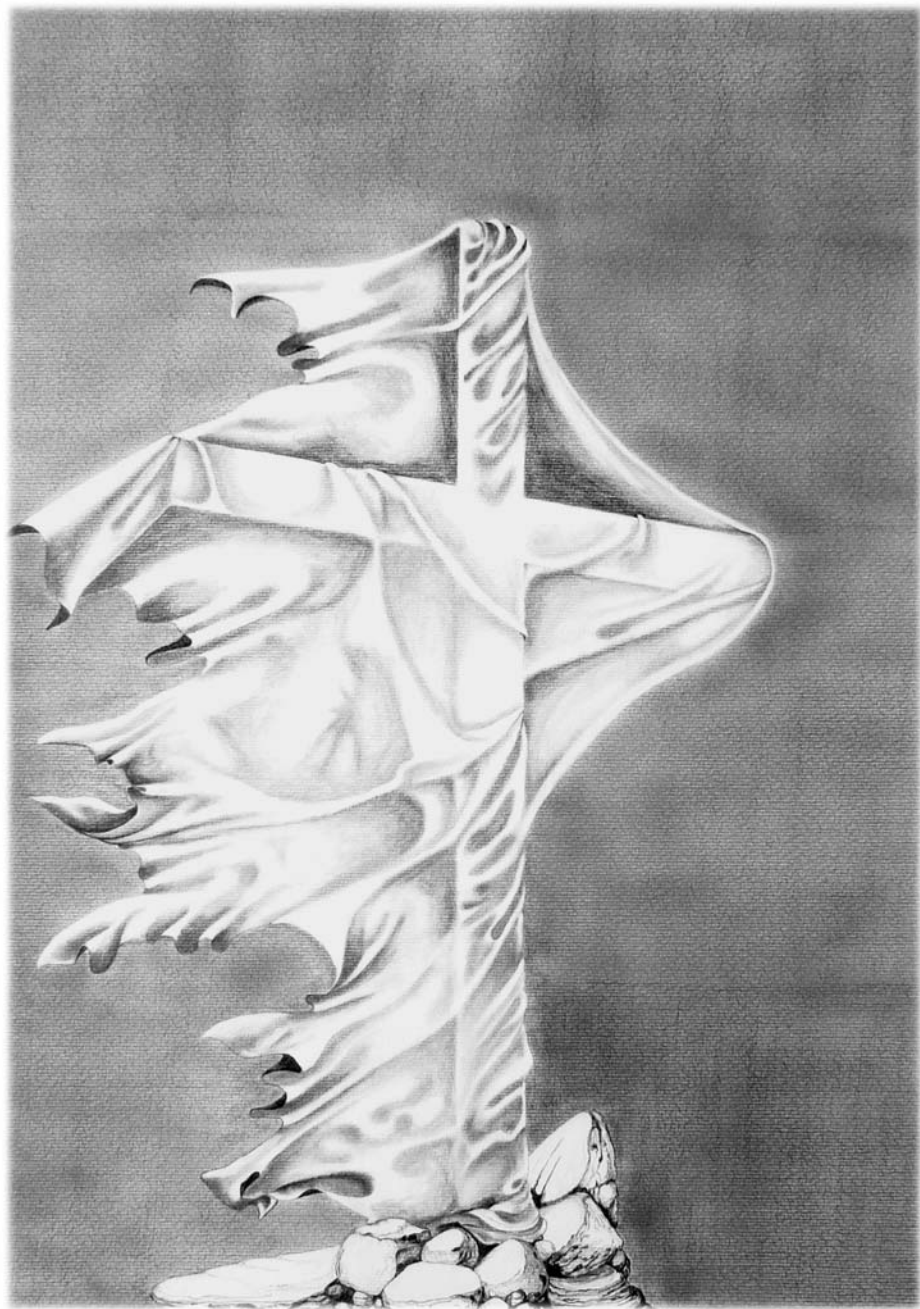
...E uma gota
— pétala —
Vermelha
Viceja em minha boca.

O poeta:

O crisântemo floriu
E murchou entre os meus dedos.
Súbita flor, no entanto,
Nasceu em meu peito:
Lâmina de aço,
Pétalas cortantes.

Um cão

(descobre o morto
expõe seus ossos
à luz do dia terrível)



Desenho a lápis, 42 cm x 59 cm

O morto:

Agora
Todos poderão enxergar meus ossos
E decifrar o enigma:
O livro está
Finalmente
Aberto.

O carrasco:

Bebo vinho,
Embriago-me
E como carne em sexta-feira da paixão,
Arroto após o almoço.
Estou morto.

O desiludido:

Tudo acabou.
A lua tingiu-se de vermelho.
A face do homem
Caiu feito máscara
E mostrou que detrás dela
Havia apenas um oco.

Os cegos:

A face de todos nós
É um poço.

Os Homens:

Mantemos nossos pés
No mesmo lugar.
Quem poderá arredá-los?

Os cegos:

Escuridão!

Outros cegos:

Mas um livro foi aberto!

A menina:

E escrito
Com o meu sangue.
Decifrem a mensagem
Para que sobrevivam.

O carrasco

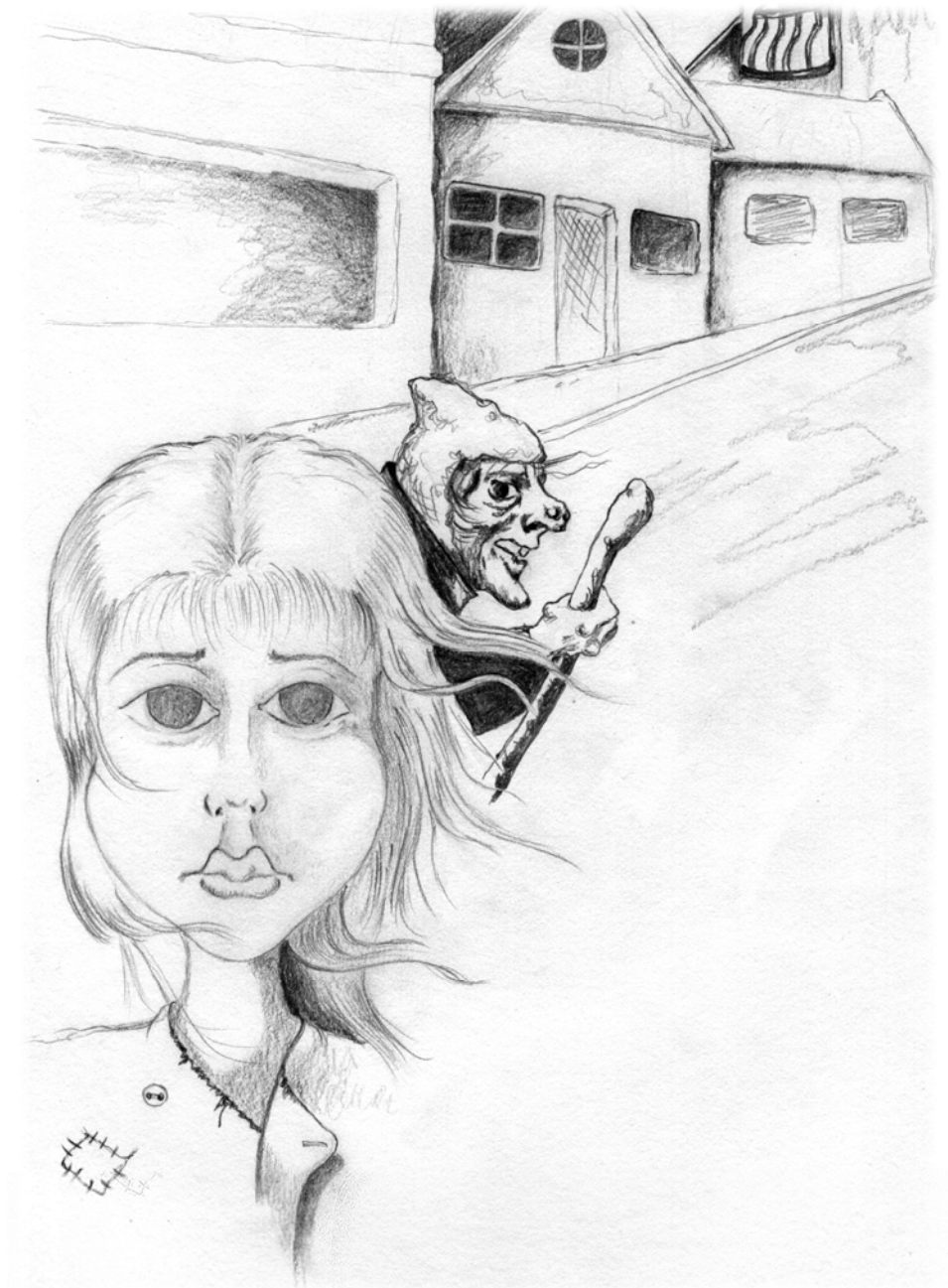
(dorme
e ronca
estirado no sofá da sala)

O morto:

Minha ossatura, à luz do dia,
Semelha uma boca aberta que ri...
No pergaminho de minha pele apodrecida
Escrevi meu último poema.
Com ele
A voz permanecerá,
E todos, enfim,
Poderão ouvi-la!

2^a parte

A Lâmpada Apagada



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

Na rua,
Numa tarde de cinza construída,
Num golpe repentino
o vento arrasta papéis e folhas secas
e agita os cabelos da menina dos fósforos.¹

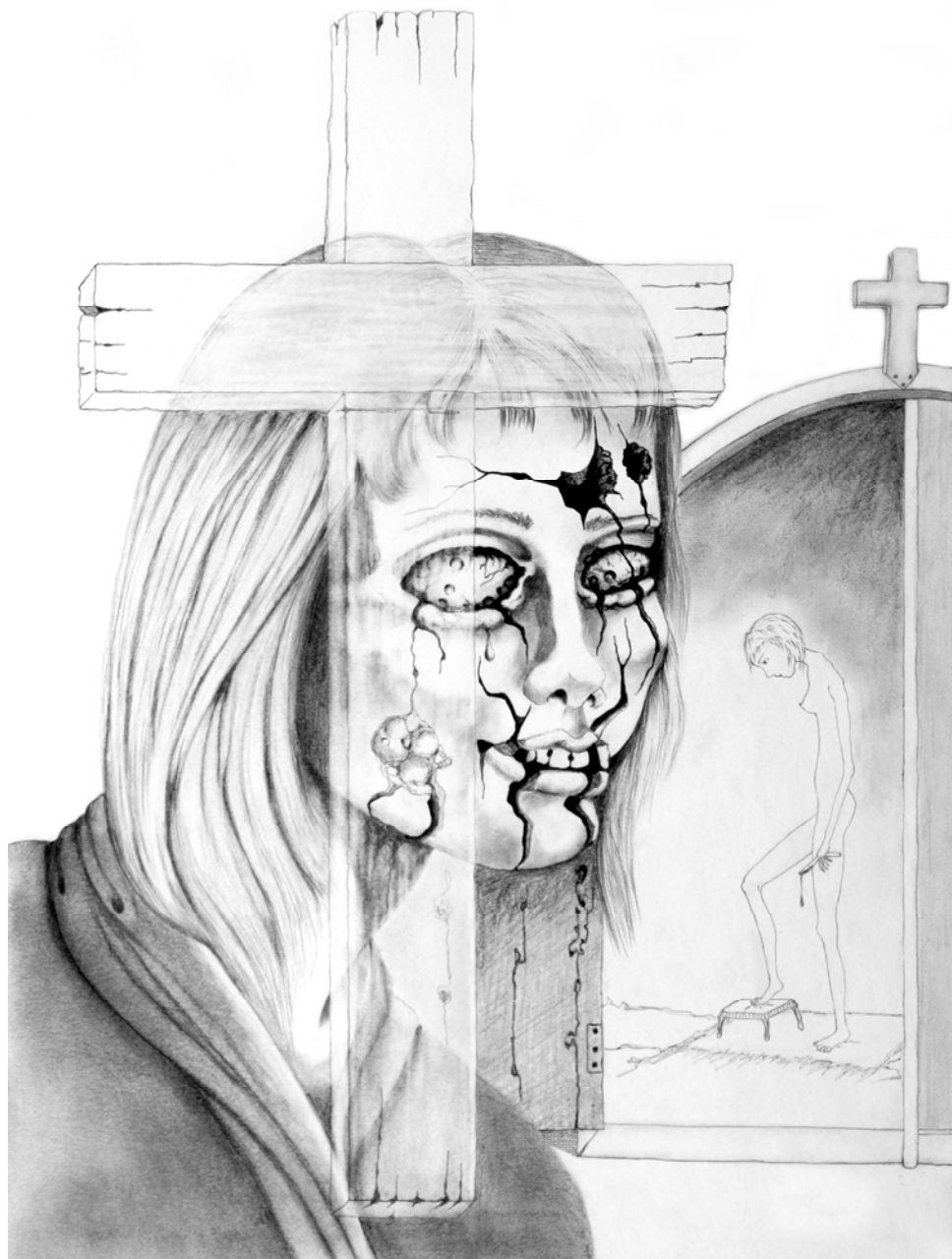
Faltou luz
E no céu as nuvens de chuva se avolumam
lembrando presságios.

Nas janelas
Rostos lívidos aparecem para ver esses sinais.

Uma velha vai calçada afora,
Desaparece num beco,
Numa portinhola nos fundos de um pátio.
Alguns a diziam uma bruxa,
Uma dessas feiticeiras que dançam seu *sabbath* à meia-noite
nas sextas-feiras negras,
Mas outros simplesmente garantiram que ninguém passara por ali,
“Uma visagem” afirmavam,
“Sim, pois ela morreu há muitos anos”.

Quando sobreveio a noite
Na aldeia secular ouvia-se apenas a ventania
E um choro de criança enferma n’algum casarão,
Enquanto a luz das lamparinas tremulava detrás dos postigos fechados
E, fora, rondavam a peste
e os lobos famintos
à espera da incauta presa.

¹ Alusão ao conto “A Pequena Vendedora de Fósforos”, de H. C. Andersen.

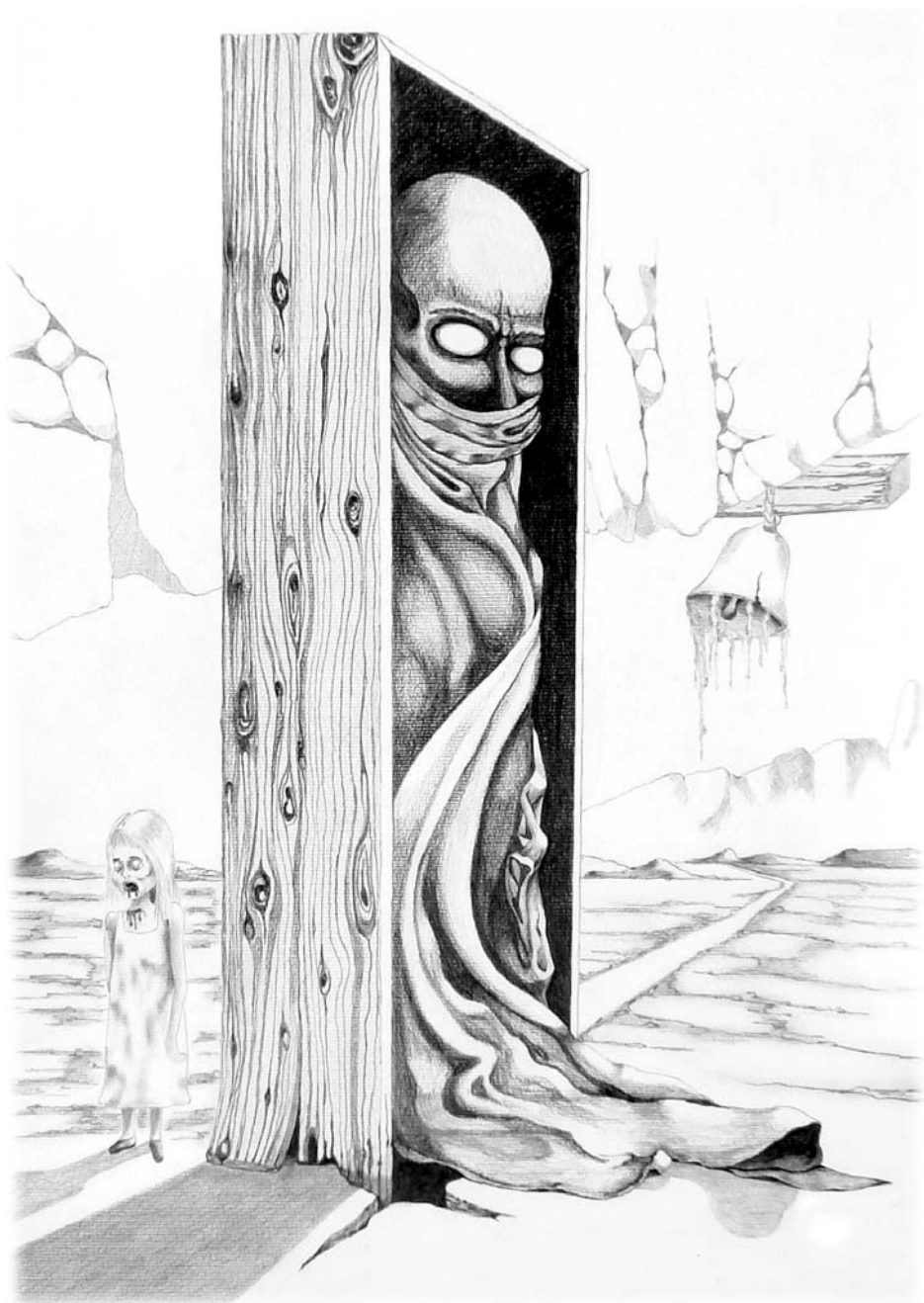


Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

A mulher que chega não tem rosto:
Vem com a caveira de um cão pregada à cara,
 efígie gravada no metal
 pelo qual os homens venderam sua alma.
Entrega-me a navalha que usou,
Quando adolescente enferma,
Para rasgar a própria virgindade:
Será a mesma com que hei de dilacerar meus pulsos.

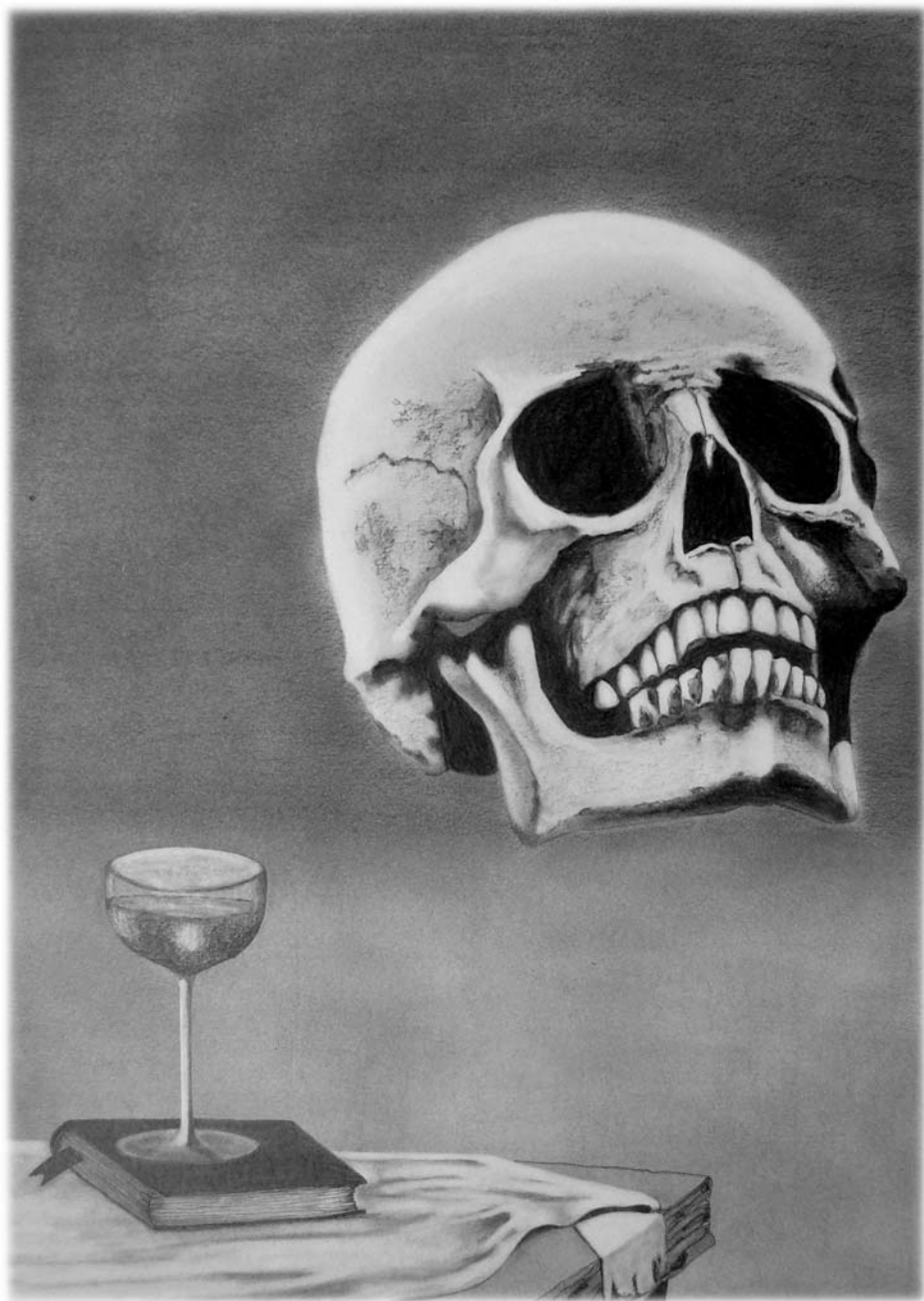
Na hora do Ângelus
Uma donzela vestida de luto
Ajoelha-se defronte ao oratório.
Quando levanta o rosto para mim
Vejo que não tem olhos
(foram queimados por alguma febre
no tempo de sua enfermidade),
Mas me sorri
um sorriso cheio de cáries.

Mostrou-me suas mãos:
Sujas de sangue, pois estava impura,
E na capela as faces da Virgem estão tingidas de vermelho.
Corri à sacristia
Mas do crucifixo grande a imagem de Cristo havia desaparecido.
Então eu soube, com assombro,
que os Quatro Cavaleiros
havam começado sua cavalgada.



Desenho a lápis, 42 cm x 59 cm

Um sino irrompe a tocar em plena tarde:
O morto da véspera
 abre o olho branco no caixão
E um cavalo desembesta no caminho do abismo.
O domingo
É uma capa de bronze que me pesa nos ombros,
E o tédio
 feito uma lança
 trespassa-me
Como trespassou a Cristo
 no Monte da Caveira
 a lança do soldado.
O sino toca,
Plange,
Aquieta-se o dia,
O Sol é o cavalo a galope
 na direção do poente.
Vi uma inocente sangrando à beira do caminho,
Pensei que estivesse impura
Mas o sangue vinha de seus pulmões enfermos.
Se morresse
O Inferno talvez fechasse suas portas
E Cérbero pudesse enfim uivar para a Lua.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

Santificação

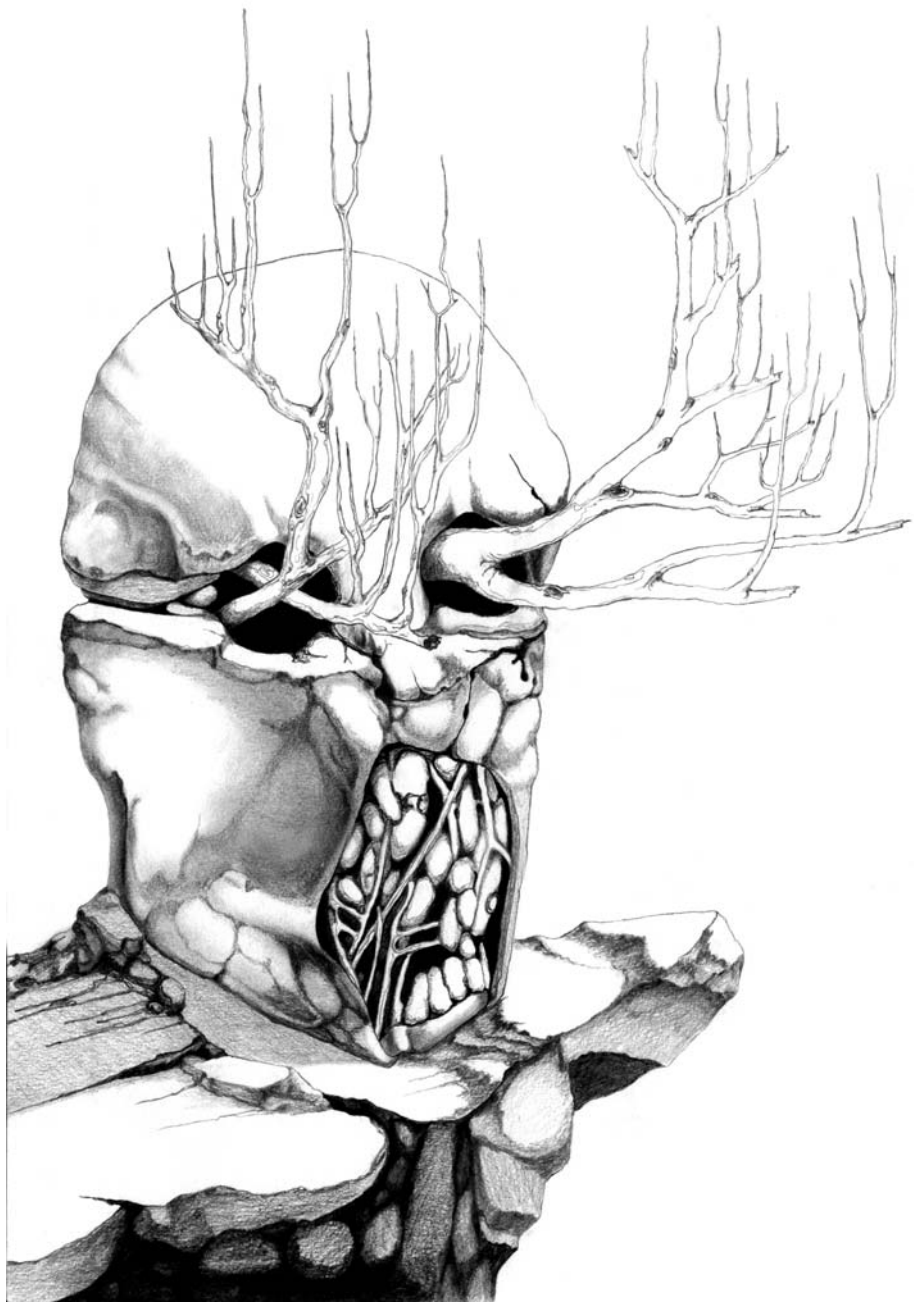
Das mãos da mulher branca,
Da mulher feito luz,
O adeus é uma pomba que alça vôo.

A mulher branca é visagem,
desvario
com a caveira à mostra,
E em seu peito bate um coração de cera.

A mulher branca
Em seu halo de luz
Tem o eterno sorriso dos mortos
E a transparência das mais claras sombras.
Será a deusa dos esquecidos e atormentados?
Ou daqueles que perderam a mãe muito cedo,
antes mesmo de ouvirem uma cantiga de ninar?

Ratos no sótão estão roendo um Cristo de gesso em sua cruz.
Cupins escavam longos túneis por dentro de uma velha Bíblia
Esquecida na gaveta da cômoda.

É eterno este outono
E o tempo devora meus dias enquanto a mulher branca,
A mulher morta,
Aponta para mim com seus dedos secos
E me entrega uma taça de veneno.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

Para escrever um poema

“E há pessoas que [...] trabalham seus versos
como um carpinteiro nas tábuas.”

F. Pessoa — *Obra Poética* (Poemas completos
de A. Caeiro — XXXVI)

Quero escrever um poema
Como quem constrói um ataúde.
Os versos serão as tábuas lavradas,
E não haver rimas
A junção de cada uma delas
Sem arestas abruptas
E irregularidades ásperas.

Quero que o meu poema seja um vão
Mas sem eco,
Um espaço em branco,
Página vazia,
Cova
À espera do defunto inaugural,
E as idéias contidas
Um punhado de flores tristes,
Mal iluminadas por uma vela que derrete ao meio.

Quando eu fechar a estrofe
A tampa há de fechar-se sobre o morto.

Quando eu depuser a pena
Estará posta a lápide,
E cada um dos presentes irá embora
Pisando o desenho invisível dos seus caminhos,
Mas eu restarei sepultado e só no fim da tarde.



Desenho a lápis, 34,5 cm x 45,0 cm

Profecia

“Olhei para a Terra, e eis que estava assolada e vazia; e para os céus, e neles não havia luz.”

Jeremias, cap. 4 vers. 23

Do cume dos montes olhei
E avistei as grandes cidades,
Os homens que por ela passeiam,
Que ali habitam e criam sua gente,
E as mulheres que amamentam e preparam o pão,
E as crianças que folheiam a cartilha
Ou gozam seus folguedos
E se alegram com suas cantigas de roda,
E vi que todos estão condenados.

Houve então de súbito uma sombra que subiu do Oriente para o
meio do céu,
E uma outra que pelas portas do Sol
Seguiu-lhe ao encontro.
De longe,
Do fundo do pensamento horrorizado
Brotou a música,
O hino dos mortos...
O palco estava armado,
O cenário posto
E os atores em cena.
O que estaria por vir?

Do cume dos montes olhei e vi:
Sobreveio a chuva de fogo e enxofre,
Demônios começaram a dançar de mãos dadas no meio do caos
E os pais cozinham seus filhinhos nus em holocausto propiciatório;
No fim, sobre as cinzas, veio um vento apagar todas as pegadas,
Enquanto das furnas, das grutas e dos abismos
O olho indagativo e perplexo das feras
E dos sobreviventes
Investigava a terra assolada e vazia,

O céu enegrecido e sem luz,
À procura de um fio de esperança.
Porém,
Somente uma mulher escaveirada e amarela
De olhos sangüíneos e fundos
Passeava entre as ruínas tocando um alaúde feito de ossos
E cantando uma canção indecente.

Aturdido,
Tentei arrimar-me ao cajado
Mas o cajado partiu-se e lanhou-me as mãos,
E, ah!, com que pena e dor
Vi meu sangue derramar-se e cair na terra morta
Enquanto a cantiga e o alaúde, na distância, ainda soavam sua trágica
ironia.

“Outras histórias Adso relembra (...), e depois acontece-lhe ter um encontro com uma moça bela e terrível como um exército a postos para a batalha.” **Umberto Eco** — *O Nome da Rosa*

O pássaro da noite canta
Num prenúncio de tua chegada.
Tu vens
Com teus navios de guerra,
Teus cavalos aparelhados para o combate,
Tuas armaduras.

Vens com teu sorriso tímido
E os pequenos seios em formação.

É madrugada dentro e fora de mim.
Se numa cidade onde os habitantes enlouqueceram
Um cão uiva para a janela acesa do suicida,
É certo que bruxas e demônios
Voarão em círculos à roda da lua,
Mas tua mão e meu devaneio
Poderão compor um aceno
E um bordado.

Abro os olhos e me levanto.
A vela apagou-se no aparador
E o relógio de parede finge um tempo que não passa.
Mas quando outra vez eu abrir os olhos e levantar-me
Ter-se-ão passado muitos anos,
A batalha estará perdida
E a guerreira, envelhecida ou morta.

Em que furnas mergulhará o cão furioso,
Velho de tantas lutas,



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

com suas pisaduras
e seus dentes partidos,
seus olhos de assombração
e suas garras de aço?

Em que manicômio esconderei minha lucidez?

Sobre o altar da manhã
Hei de queimar minhas vísceras em holocausto,
Sobre a pedra mais alta
Acender a fogueira da condenação.

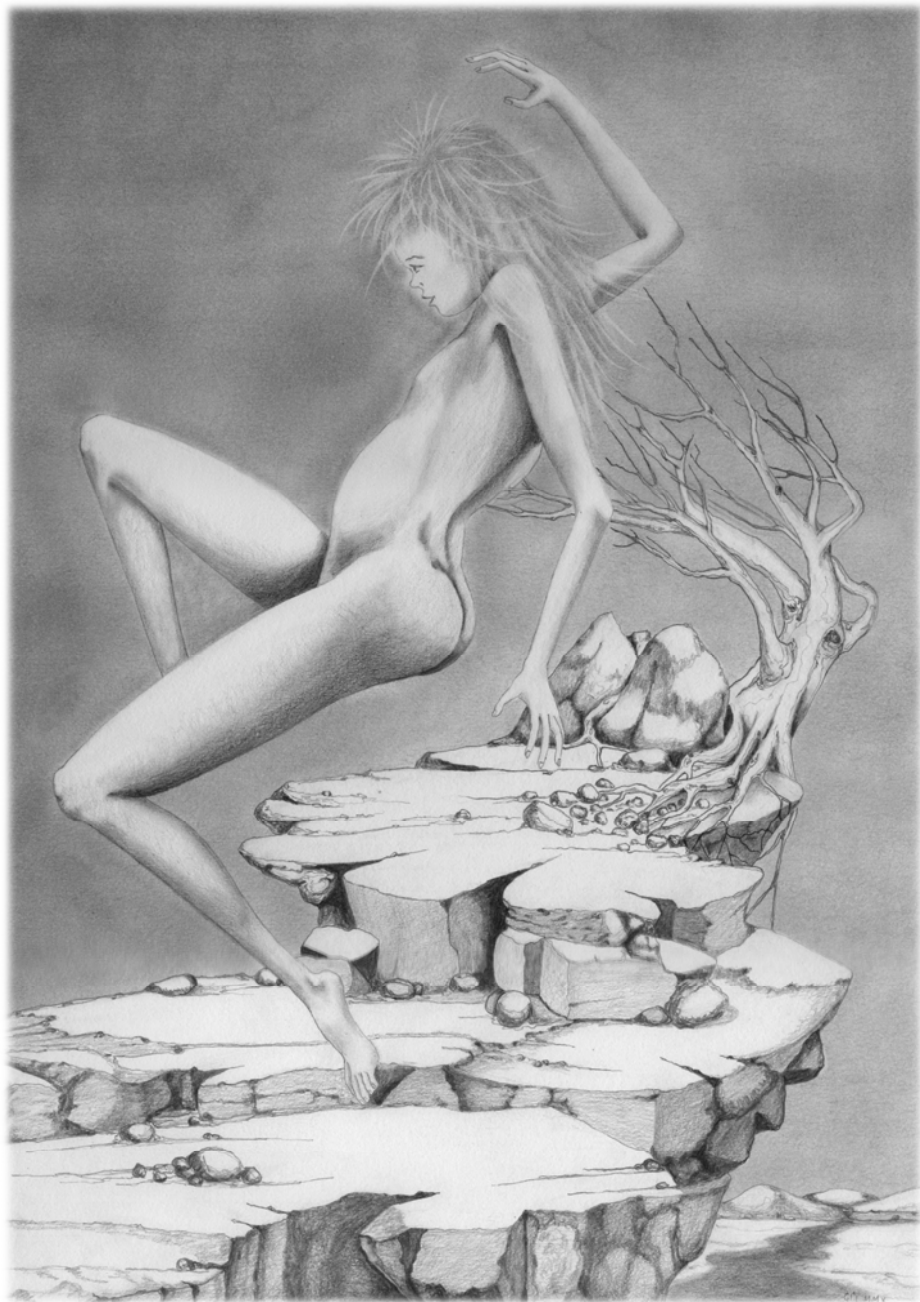
Mas o beijo em teu sexo de criança que sonhei...
Que lábios terei para esse crime?



Composição de desenho a lápis e fotografias
digitalizadas de folha e ninho com filhotes, 21
cm x 29 cm

A construção do poema

Quero construir meu poema
Como quem constrói sua casa
seu caminho,
Um brinquedo de armar
montar
viajar sozinho.
A permanência da partida:
estada ou ida?
Por certo estrada
e vida.
Habitarei meu poema
como pássaro no ninho.
Meu coração há de ser a ferida
De qualquer palavra
ou espinho.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

(despe a tua roupa...)

Despe a tua roupa e canta;
À ventania,
Nua,
No cume de um penhasco,
Canta
Que tua música é uma sentença de morte.

Traz-me tua condenação
E teu sexo impúbere;
Teu gosto de fruta,
Tua doçura,
Teu desespero
e meu delírio.

(...e quando pela manhã
meu cadáver apodrecer nos monturos,
ainda assim despe tua roupa
e vem
com tua nudez cobrir meus ossos.)



Desenho a lápis, 42 cm x 59 cm

Desequilíbrio

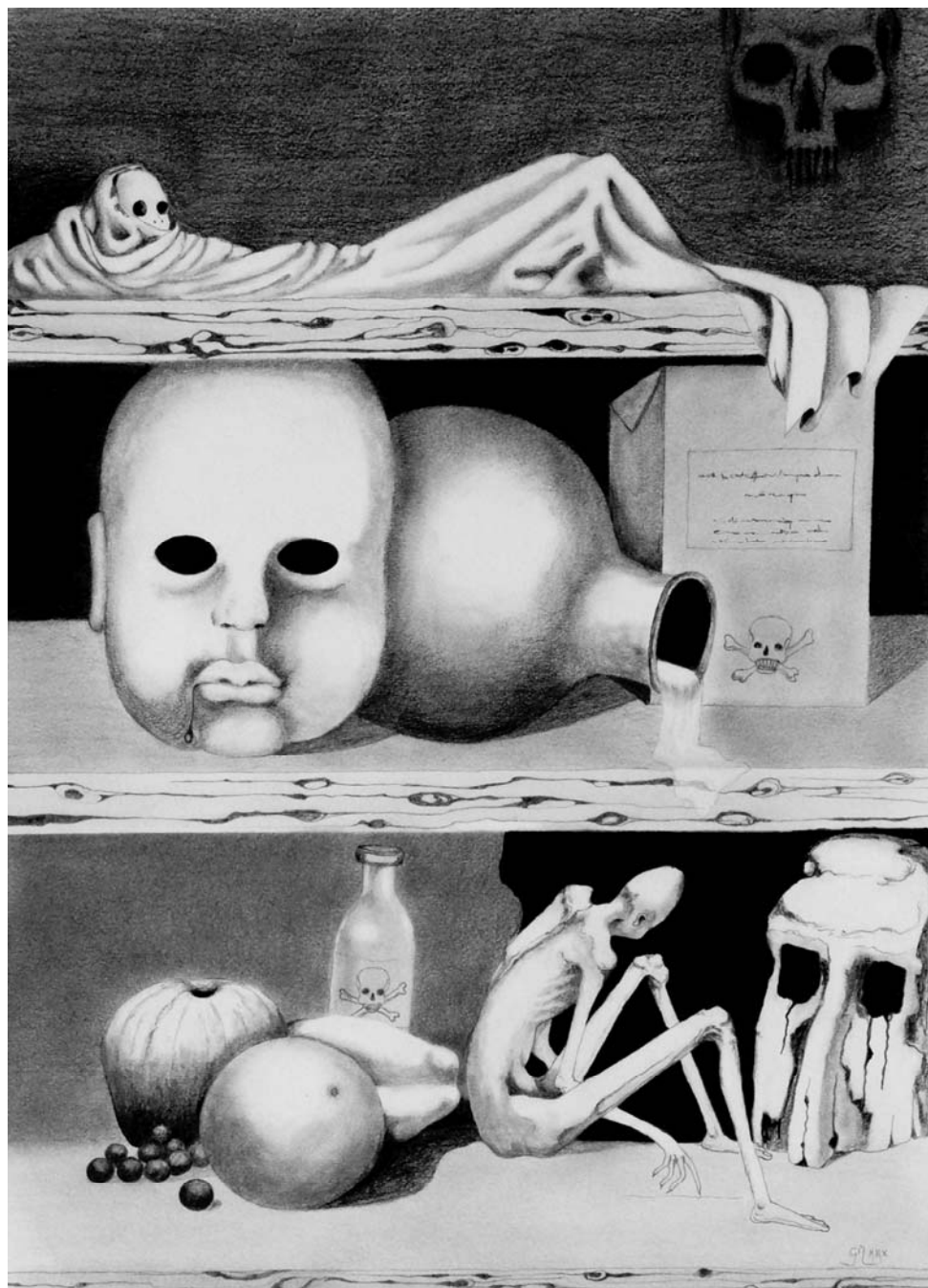
Na tela abstrata de uma janela
O fim do dia desbota,
Em preto-e-branco o ocaso descreve
uma curva para a interminável noite.

Se teu corpo se desenha no espaço que se dilui,
Diluem-se no espaço teu corpo
E o meu equilíbrio.

Essa melodia é do violino que ficou
Depois que todos os músicos da orquestra partiram,
Ou será o gemido de uma criança
Que alguém crucificou num trágico sábado de aleluia?

Quando anoitecer
Aos guerreiros prontos para a batalha direi: “Repousai,
Deponde os vossos arcos e as vossas alabardas,
Pois já não há por que combater”.

Tua dissolução ainda no quadro irreal da janela
É um prenúncio da minha solidão:
Não terei mais a música do violino
Nem o gemido da criança crucificada,
E os guerreiros
São apenas soldadinhos de chumbo
Imóveis na noite da caixa de papelão.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

As vegetalidades subalternas
Que os serenos noturnos orvalhavam,
Pela alta frieza intrínseca, lembravam
Toalhas molhadas sobre as minhas pernas.
(Augusto dos Anjos, *Noite de um Visionário* —
in *Eu e Outras Poesias*)

Quero abrir meu armário de horrores e dizer:
Eis-me aqui.

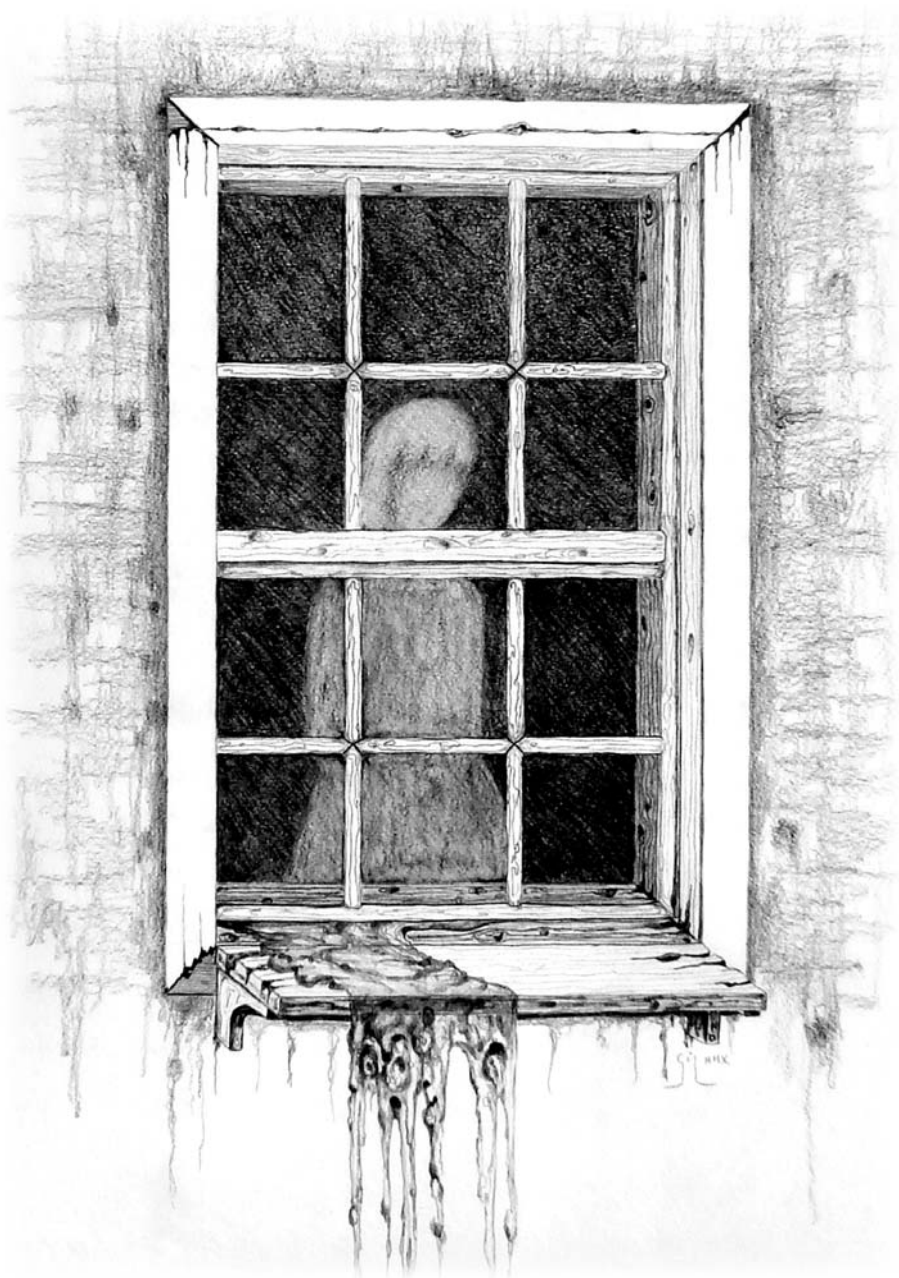
As maçãs do cesto apodreceram
E a água da moringa está envenenada.
Uma procissão passa
Carregando um ídolo sem cabeça.
O vento agita as bandeiras
E o inverno
Feito uma toalha úmida sobre minhas costas
É incômodo e dói.

Na procissão
Os fiéis entoam cânticos numa língua estranha
E falam dos mortos.

As crianças apanharam e comeram as maçãs apodrecidas
E depois se envenenaram
com o leite de sua mãe.

O vendaval dilacera as horas,
Rodamoinho de areia e vertigem
No meio do qual se percebem
o riso álcree das caveiras
e um aceno de ossos.

O armário de horrores abriu-se:
Dentro, só a face inocente de um infante adormecido,
ou morto.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

O dia é leve feito pluma,
Asa de libélula,
O mar dentro da concha...
E o vestido branco desenha teu vulto contra a vidraça.

O ruído das grandes metrópoles, porém,
Nos mostra que o homem não sossega:
Dormir é perder-se.

Então eu abro os olhos:
A vidraça está vazia agora
E o tempo parece dissolver-se numa confusa mistura de impressões e
lembranças.
Aqueles flores que comprei ontem
Foram para o teu aniversário
Ou para o teu funeral?

(...uma criança chorando
uma criança
sozinha
chorando no escuro...)



Desenho a lápis, 42 cm x 59 cm

Escrava,

rolam de tuas mãos,
de teus dedos de pianista
rosas,
frutas apodrecidas,
círios apagados,
— as horas fora do tempo —

Enquanto arrancas teu manto de cristal
E derramas na boca a taça do sangue meu que verti para tua embriaguez.

Louca,

em teu delírio de crisântemos desnudos
e vulcões extintos,
em tuas lucubrações de filosofias contraditórias
e religiões para a eterna danação
no caos que percorres com teus pés descalços
à procura do marinheiro que irá te violar,
do estivador que há de deixar teu sexo em
carne-viva,
do assassino que matará a pureza da tua insânia;
na cidade que invades com teu odor de fêmea no cio
à procura do Minotauro que mantém aprisionado o Teseu de teus desvarios...

Em que espaço estão ancorados teus navios de guerra,
Em que mapas disfarçados teus caminhos escusos?
Em que cavernas perdeste teus brinquedos,
tuas adagas,
a dor dos teus atavios?

De teu dorso marcado pelo granizo da manhã
rolam espinhos,
pássaros silenciosos,

a púrpura da tua san-

E entre tuas pernas cresce uma árvore ressequida por todos os inver-
 nos
 E se erguem mortos como no dia da Grande Ira
 À espera do Juízo.

Dama

de espadas,
eu,
teu Valeta,
aos teus pés aspiro o pó da terra
à espera do golpe,
da lâmina incandescente,
das farpas de tua voz tranqüila,

À espera do dia,

que a noite sói ser enganosa
como essa outra noite
que imensa se estende detrás de tuas pálpebras.

Escrava, louca, dama de espadas

mulher
dócil e frágil feito a menina virgem que des-
cobre o gozo com seu irmão mais velho,
cadela que me trinca os dentes
e me faz conhecer o inferno,

Imponderável

Feito lírio

cujá brancura se põe
subitamente

rubra!

Amor desesperado

Ó transparente – feito sonho –
criança

(branca como a luz através da névoa)

Cujo sexo morno quero beijar entre espinheiros
ao cruzar o vento o canteiro dos jasmins
e a ramagem dos ciprestes...

Doce menina dos lábios de romã
que provar espero
ao desabrochar de girassóis nas encostas que
os vulcões devastam com sua lava ardente, a
qual no entanto corre entre teus dedos...

Ó pássaro entre flores,
vôo entre pétalas,
Imponderável escultura de gelo e ventania
que um artista desvairado talhou antes de
atirar-se no abismo;
Ah, o despenhar de chuva dos teus cabelos quando no meu peito te
debruçares chorando
Enquanto navios se perdem de suas rotas batidos pelo vendaval
E cavalos selvagens desembestam pela pradaria:
Do mastro erguido no pátio escuro
As manchas na bandeira serão sangue:
o sangue da tua virgindade que um ladrão há de
roubar
em hora de descaminho,
em noite de desespero!

Serei eu talvez o ladrão da tua nudez
e da tua inocência
antes que sobrevenha o granizo
e o inverno desponte com suas névoas,
suas agulhas de frio e geada.
Teu gemido de dor soará como um cântico sagrado



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

que fantasmas acompanharão ao piano na sala de
música,
Mas teu grito de volúpia
terá o dom de fazer com que os mortos abram os
olhos embaixo da terra
e um cortejo de condenados cruze em fuga o pân-
tano
e se dilua no fim da madrugada!

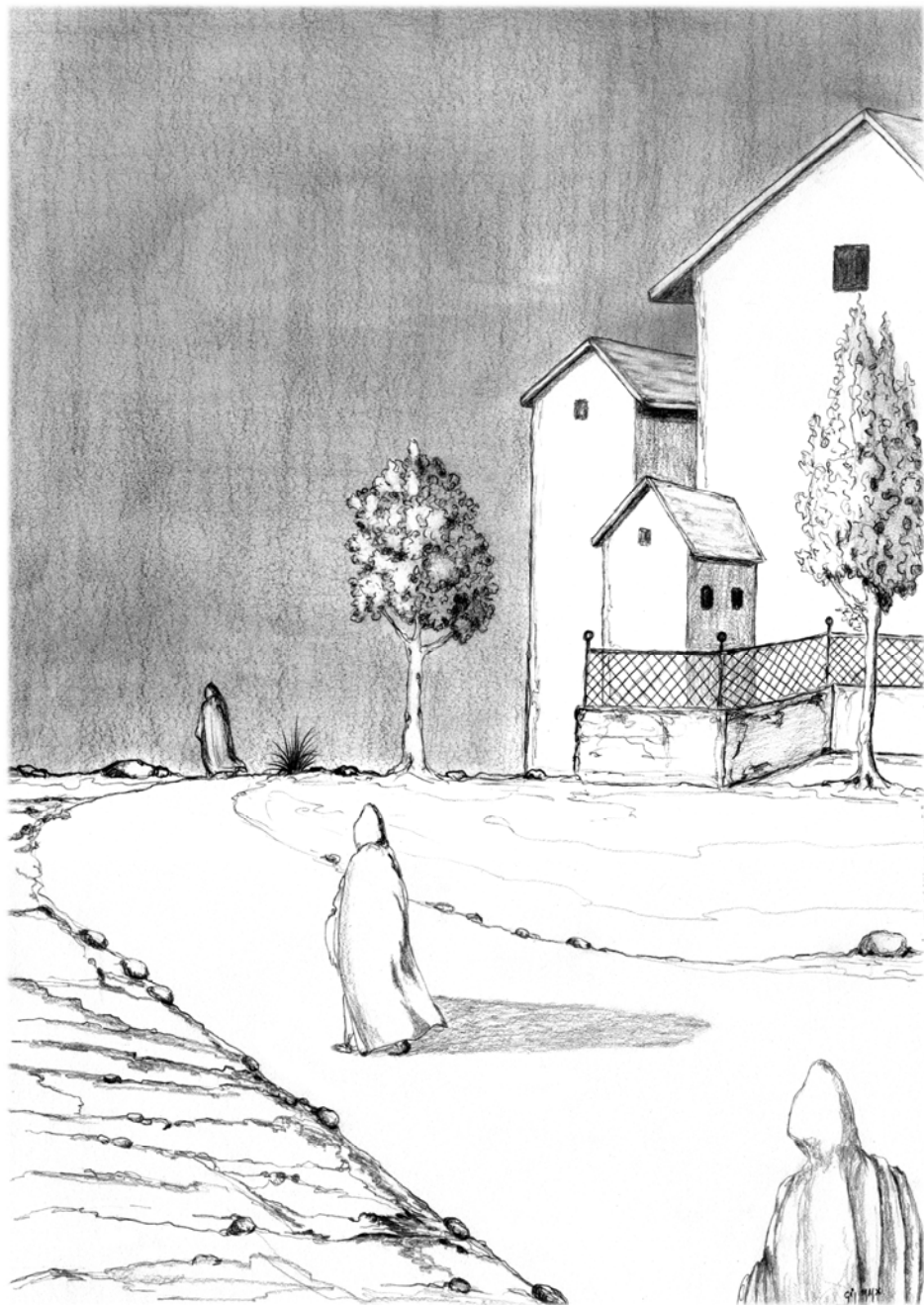
Será assombro o que verei em teus olhos
ou tão só o rolar de astros errantes na solidão dos
céus vazios?

Será de júbilo o riso que te fará entreabrir os lábios
ou de pavor do inesperado que abalará teu corpo?

Que noite terá transcorrido em que todas as horas
uma só hora,
e cada minuto
uma rosa vermelha,
um escândalo
e um entorpecimento?

No amanhecer
quando eu enfim correr as cortinas e abrir as jane-
las
o vento será um morcego travesso a agitar as asas
pelo quarto
e nossas pupilas serão atravessadas pelas flechas
do sol.

No momento em que
nua
te aproximares de mim
e eu te erguer em meus braços,
os que irão me julgar
ouvir-me-ão chamar-te
minha filha.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

(viver é um vão...)

Viver é um vão
Que se preenche dia a dia com miudezas sórdidas,
Quinquilharias sem nenhum valor;
Viver é um breve movimento,
Um vórtice que súbito cessa.
Uma sombra é o que resta,
Um haver sereno de flores murchas,
Ruído de qualquer coisa caindo
Num cômodo distante da casa deserta.

Antigamente foi apenas uma tecedura esquecida na roca,
E o pássaro que cantou na minha janela
Adormeceu de eu não mais escutar o seu canto.

Hoje
um vento frio na manhã cinzenta sacode a cinza da vida
E vultos embuçados passam no caminho
Sucumbindo
ao vinho amargo de existir.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

Na alcova nupcial

Deito-me ao teu lado
Mas tu dormes.
De leve toco o teu corpo com meus dedos cobizosos
Mas és de mármore
ou gelo repentino,
E teu sono profundo como a morte.

Então derramo meu sangue em tua boca,
E no teu sexo
Meu sêmen será
 semente
Enquanto no cálice do teu umbigo
 eu bebo uma dose de veneno.

Árvores crescerão de nossos corpos enlaçados
E darão frutos amargos;
Serão desfolhadas pelo granizo do inverno,
A ventania a entoar um adágio de maldição nos galhos nus,
E grossas raízes se entrançarão em nossas caveiras,
Mas vermes anulares e moles furarão os troncos até o cerne
E então nos saberemos mortais.

O que há de restar ao fim dos séculos
Senão uns restos,
Um montículo de ossos
mal recobertos pela terra
onde insetos passeiam,
A atestar
tão só
a inutilidade do amor?



Desenho a lápis, 42 cm x 59 cm

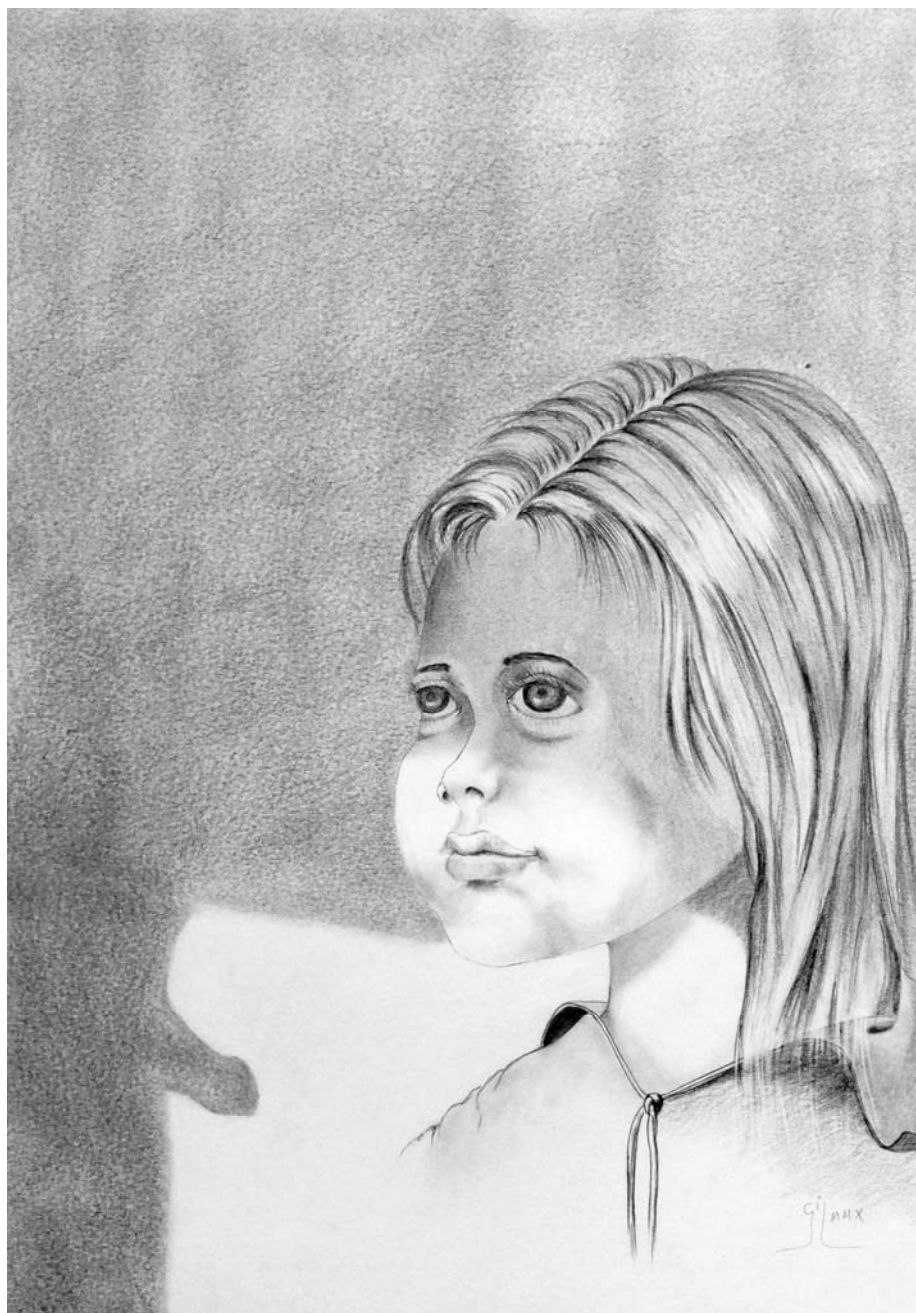
Os que chegam sem rumor

São estranhos esses homens que chegam com suas sombras
Trazendo cruzeiros e espadas,
São estranhos
Pois vêm montados em cavalos de fogo
E cingindo escudos como o sol da manhã;
São estranhos
Pois não revelam seus nomes
E trazem o rosto coberto pela viseira baixada de seu elmo,
São estranhos
Pois em seu tropel
E no estridor de sua cavalcada
Proclamam uma mensagem de guerra.

Porém mais estranhos são estes outros
Que vêm furtivos pelas sombras,
Em silêncio e passos tardos,
Vultos movendo-se ao longo dos muros,
Esgueirando-se pelas ruas escuras desta cidade medievá;
Mais estranhos
Pois trazem como armas a peste
E como escudo a podridão,
Seus mantos batidos pelo vento noturno
E as sandálias gastas,
Os cajados nodosos cheirando a antigüidade e relíquia
E o capuz descido sobre a face
Que,

súbito,
se revela um vã
Quando de uma aragem mais forte
Suas bordas se levantam
Mostrando que tais andrajos
Envolvem

tão só um vazio
e um punhado de treva.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

Abrirei
Na manhã

as janelas,
as velas,
as asas.

No porão a menina, a criança
virgem e pálida,
prepara-se para entregar-me sua dor,
Mas quando eu subir ao convés
O horizonte desenhará para mim
uma terra de ninguém
onde estarei só.

Que umbrais atravessar no longo dia
Que me transportem a outro tempo?
Em que velhos livros ler
o testamento
ou a maldição que terei por amargo fruto?

No escuro,
Dos olhos dela
— da criança que desejo tocar com ternura e fome —
O brilho será uma chama fria
A cuja luz poderei decifrar os segredos da língua morta em que foram
escritas suas lendas...

Deitado, depois,
No colo nu apoiada minha face,
Ouvirei suas histórias de bonecas e casinhas de papelão,
Lembranças de uma infância tardia e perene.
Colherei flores
Com cujas pétalas cobrir seu sexo,
Mas o branco impoluto das margaridas
Tingir-se-á de sangue...

Do convés verei

no distante horizonte
mais nebulosos e impossíveis
a terra e o cais,
e o som dos sinos
o vento transformará em murmúrio e silêncio.

Não,
Não terei vôo

nem velas,
nem a pequena virgem se debruçará sobre
mim,

E o velho livro de histórias
Terá apenas

páginas
em branco.

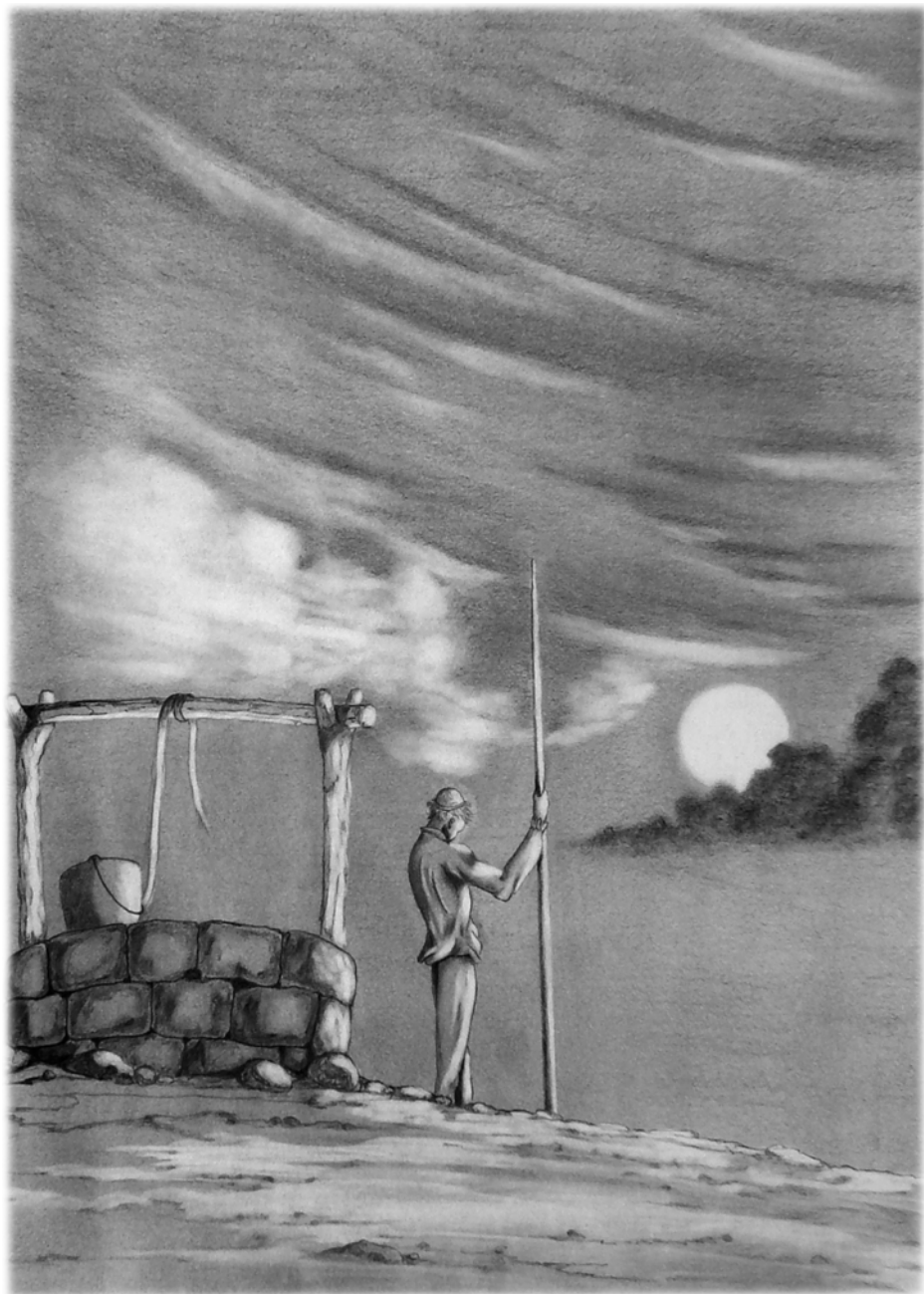
Um cavaleiro andante vela
por teus tesouros,
teu sono,
tua noturna solidão.
Desperta em mim esse cavaleiro sem rosto,
E das minhas mãos empunha a lança
e a agreste agonia.

Na sombra da parede,
A janela alta é um retângulo de claridade baça detrás do cortinado de
musselina
Que o vento agita.

Não dormita a sentinela, mas
À beira do poço
Exerce o ritual das armas,
E na noite clara
Seu vulto no pátio
propicia uma certeza
e aplaca a cólera dos deuses:
Estarão protegidas as entradas do teu palácio,
Trancados teus portões de bronze,
Mas do teu corpo ardente
— contra o qual pode o inimigo investir de lança em riste —
Continuam sem guarda os caminhos.

Na noite morna
Teu sono é uma flor de espinhos imponderáveis,
E a camisola que resvala
revela
o rosado de um seio.

Não palácio ou tugúrio



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

mas fuma
onde rebrilha o ouro das ninfas e monta guar-
da um dragão
cioso da ronda dos ladrões:
Desliza tua mão pelo púbis impubescente,
Teus dedos tocam a umidade ácida
E teu sorriso é uma essência rara...

À beira do poço
O cavaleiro andante está imóvel
e vigia a lua
lívida feito a face de um defunto,
Enquanto na lonjura
um cão uiva
tristemente...



Fotografia com modificações digitais.

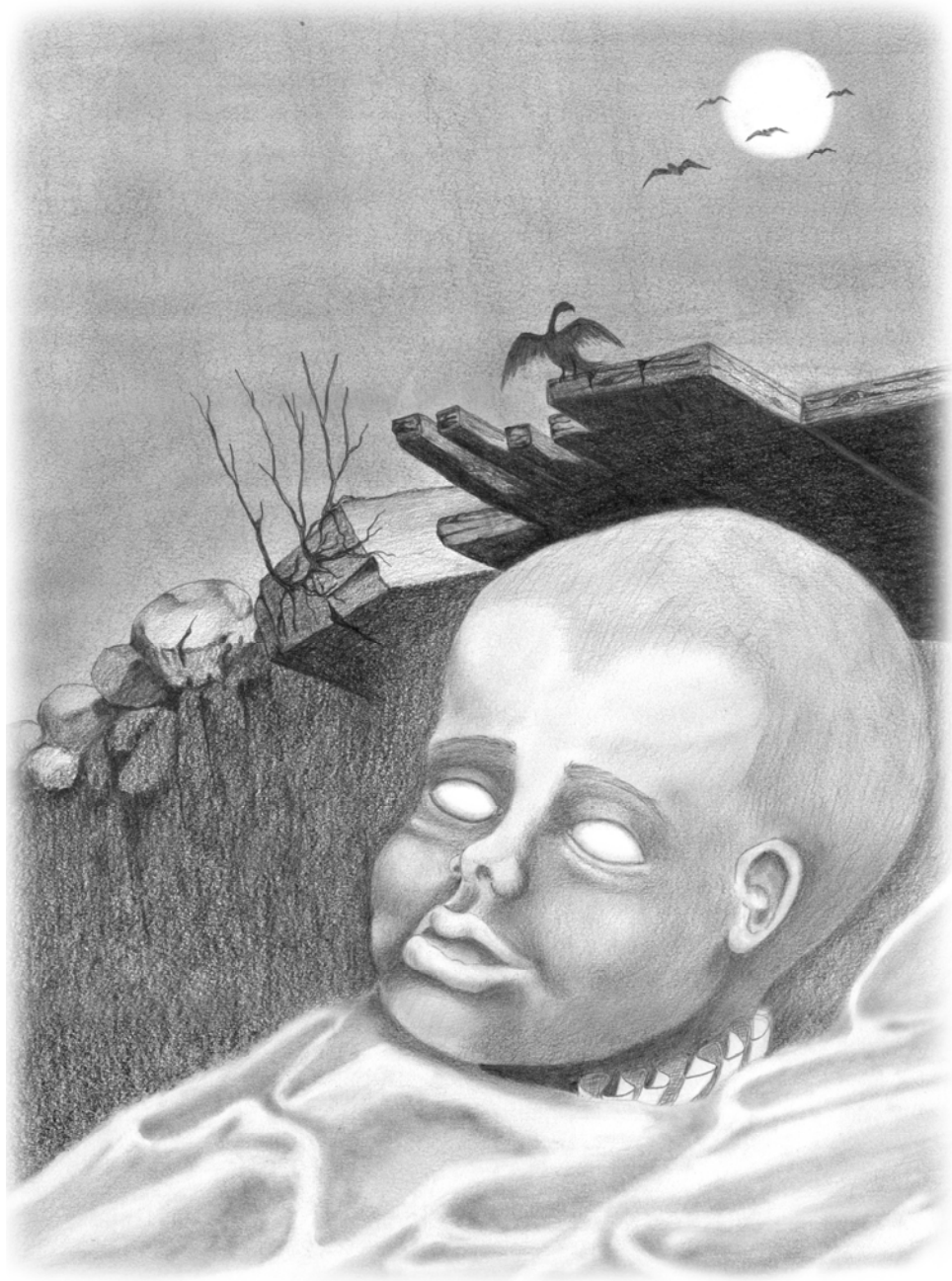
Agonia

A Lua traz em sua face
um presságio de solidão.

São frias estas manhãs
E nas linhas de tua mão
Decifro uma mensagem de morte.

O mundo é cinzento.

De uma árvore seca
alça vôo o pássaro da agonia.
Esse ruflar de asas
É a maldição do Tempo
Que te acolhe em seu seio.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

Turbação

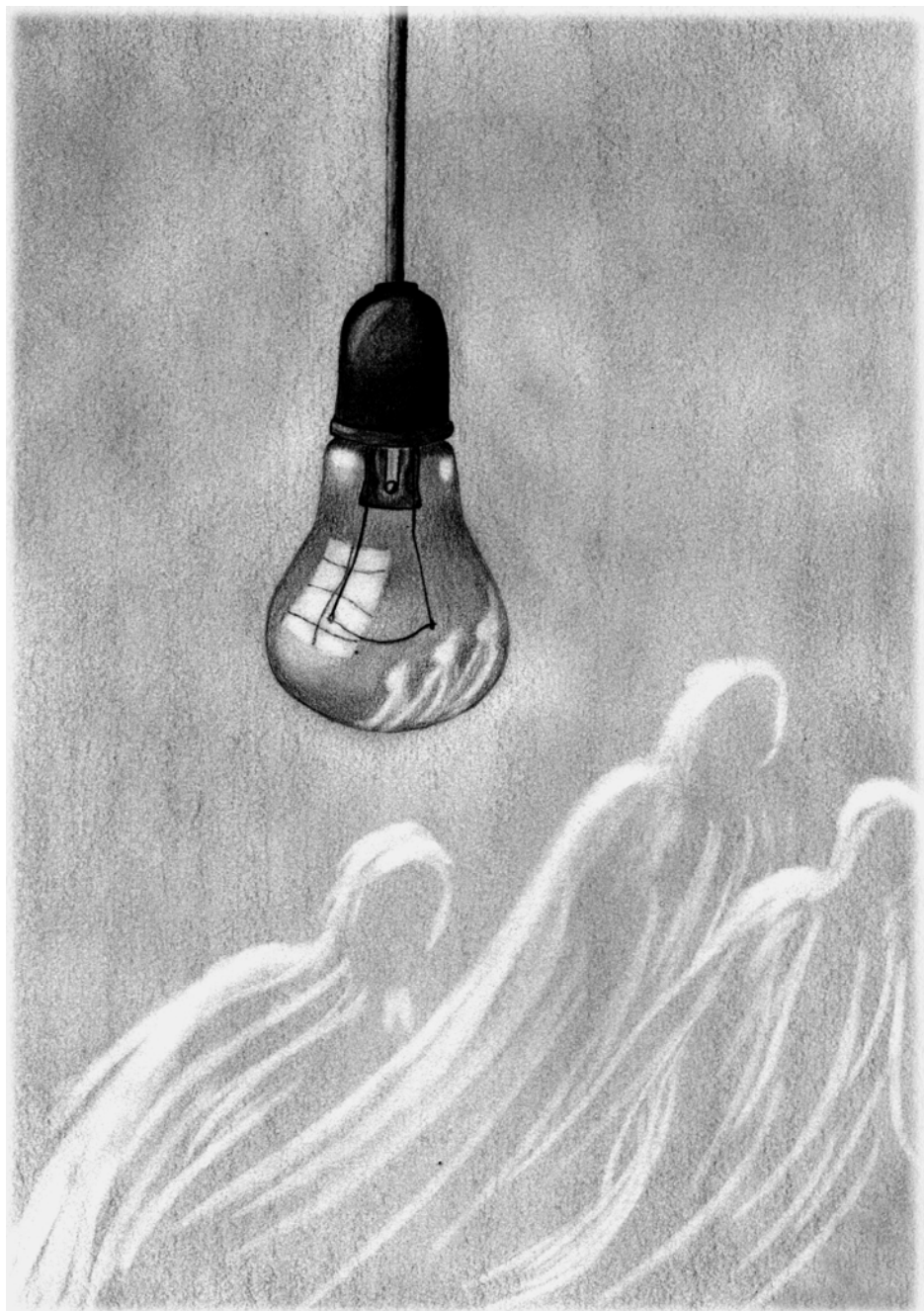
O inverno se foi
Como um velho vai pelo caminho com um saco às costas
No qual carrega apenas passarinhos mortos
e desespero.

As crianças
Que os pais em agonia ontem sepultaram
Hoje abrem os olhos muito brancos no escuro de seus caixãozinhos
de cedro
E silenciosamente sorriem.

Deveríamos escutar essas vozes que sussurram mantras e nomes feios
no escuro dos porões;
seguir esses passos que sobem a
escada do sótão,
perder-nos talvez na casa vazia
e por fim compreender que nossos lábios
emudeceram porque deles se perderam as pa-
lavras
como num vento que passou e as
levou de nós
feito pétalas.

Deveríamos sustar os quatro cavaleiros em seu galope
E, estendendo a mão,
indicar o mundo:
“Vão”, diríamos,
“cumpram sua missão,
seu rito de morte.”

E então, da colina, recolhidos em nossos agasalhos,
Poderíamos contemplar a derrocada dos homens
Desenhada num horizonte tinto de sangue
À hora do anoitecer.



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

A lâmpada apagada

Porém fez-se dia: aurora e manhã,
Meio-dia,
E a casa flutua sob o sol —
A casa
Em cujos porões poderemos buscar um tesouro escondido
E encontrar não mais que trastes cobertos de pó.
A casa onde dormem imagens de cera
E os fantasmas se enclausuram detrás das frinchas,
Enquanto no jardim cheio de mato apenas as cigarras cantam, rom-
pendo a modorra da vida.

Em algum lugar
Ossos sob a terra escondem um crime
E as mãos manchadas de sangue
Cobriram o rosto,
Deixando ali uma máscara vermelha.
Em alguma enseada
Um navio abandonado se cobre de ferrugem
Enquanto o vento bate
— Pam!... Pam!... Pam!... —
A porta da cabine de comando
Que ficou aberta...

*(Mas quando? Quando? Em
que tempos imemoriais foi esque-
cida aberta a cabine de comando
desse navio abandonado?)*

Em alguma igreja
Um sacerdote vigia as imagens sacras com perplexidade e descrença,
E olhando o dia que avança
Espera pelo fim do mundo
Como quem espera por uma grande festa!

Que criança foi assassinada neste berço?
Que mulheres entregaram seu seio aos lobos do deserto?
Que maldição há no teu beijo
Capaz de envenenar a alma?

Uma lâmpada apagada
Constrói sombras na sala vazia
Neste entardecer longínquo,
Na hora do ângelus em que,

o horror se aninha no coração dos homens.

Uma lâmpada apagada pende do teto
Como um gesto que se faz para um cego.

E então cai a noite: ocaso e crepúsculo,

Meia-noite,

E a casa se dissolve entre o rumor do vento no matagal
e a água que corre entre as pedras —

Casa

Onde janelas não se acendem

Mas os fantasmas salmodiam sua solidão

Enquanto as imagens de cera abrem seus olhos

E lêem no teto manchado de goteira

Seu trágico augúrio.

3^a Parte
Testamento



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

1. É nosso dever permanecer aqui.

Este é o nosso cubículo,

O que nos foi legado,

Aquilo a que temos direito.

Daqui podemos vigiar o mundo

— não esse mundo de amplidões que se desdobra além de nós,
mas sim essas miudezas tristes e opacas
que desfilam aos nossos olhos
e tão só enxergamos através das frinchas.

Porque o nosso legado é espiar pelas frinchas:

Mal e mal afastar o reposteiro

Para que um raio de sol não venha iluminar a estreiteza de nossos
limites

E nos trazer ilusões...

E se olhamos a rua

Só o que vemos é esse desfile incessante de estranhos sob nossa jane-
la,

Esse enigma que não compreendemos,

Esse quebra-cabeças que não montaremos nunca.

Pois é meia-noite

E, à meia-noite,

O vulto de pé na esquina, embaixo do poste,

É o ladrão que espera por sua presa

— Embaixo da capa,

A faca de açougueiro que usa como arma

(Sua ferramenta de trabalho).

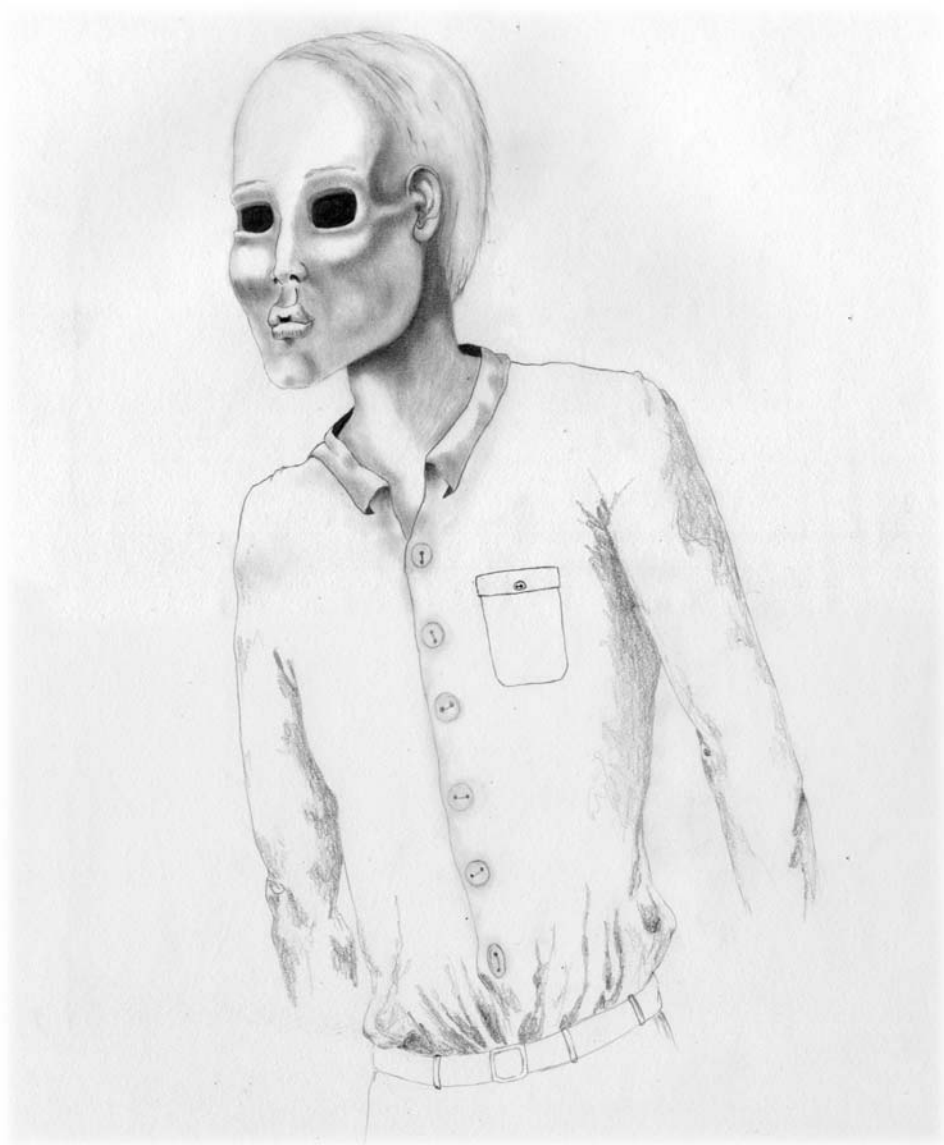
Daqui podemos vigiá-lo

E, quem sabe, vê-lo cortar alguma garganta.

Do teu sorriso

Compreendo que a crueldade é coisa que não te apavora,

E talvez até mesmo queiras assistir a um crime...



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

2. Que caminhos serão esses, noturnos,
— Que curvas, que encruzilhadas? —
No qual nos perderemos de nossos sonhos
— menos por vontade e mais por hipocrisia — ?
Porque amanheceu e, anelantes, despertamos para a luz,
Mas é a crua realidade das sombras que nos abre os braços.

Será escarmento para nossa incúria
Se o que vigiamos pela frincha se voltar um dia contra nós:
Se o homem que vem dos lados do Correio,
Assoviando tranqüilo uma modinha do rádio
E com as mãos nos bolsos,
Olhar em nossa direção e no lugar dos olhos
Depararmos apenas dois vãos escuros;
Ou se a mulher gorda que passa todas as manhãs com uma trouxa à
cabeça
Passar, também hoje como sempre,
Mas não tiver mais cabeça;
Ou ainda, quem sabe,
Se os colegas em assuada voltarem para nós a face vazia
E compreendermos que estão todos mortos...
Sim, será escarmento
E talvez o mereçamos
Porque nossa negligência pode ter feito ruir catedrais...



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

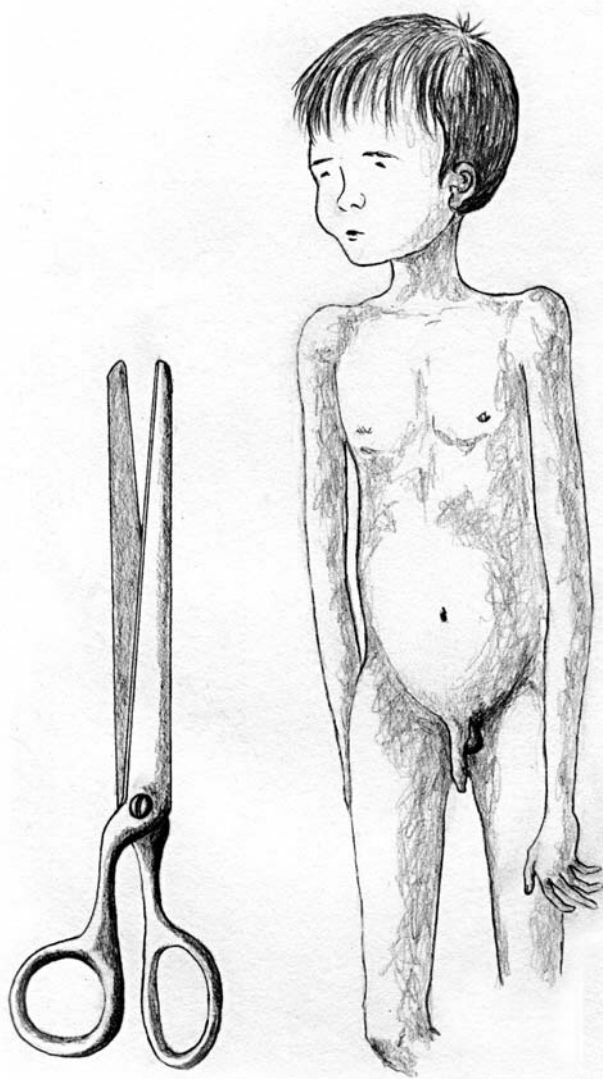
3. E se ouvíssemos o noticiário?

— é o teu alvitre: mas que nos interessa o noticiário
Se nosso cubículo é úmido e escuro
E da nossa herança a luz do Sol não faz parte?
Do rádio ligado ouviremos sobre a guerra,
a carnificina das nações,
a derrocada das crenças,
o amor incestuoso dos irmãos,
o desespero dos homens...

Mas valerá a pena?
Talvez seja muito sofrimento para um só dia
E até nos agrade ouvir essas histórias que soam como lendas,
Mas se lembramos que se trata da dor alheia
Lembraremos também que a dor alheia é a nossa dor,
E então teremos medo.

Quando tocarem à porta
Podes abrir:
Deve ser o assassino para nos anunciar sua sentença.
Ou talvez algum credor a nos lembrar que as promissórias vencem
em breve
E que deveremos entregar enfim nossa irmãzinha virgem como pagamento.
Não, não será o tintureiro
Pois não mandamos nossos ataúdes para a lavanderia,
Nem o entregador de *pizza*,
Pois que eu me lembre não pretendíamos tomar veneno hoje à tarde.

Mas estive pensando que talvez devesse contar-te uma história.
É preciso, de qualquer forma, passar o tempo
E o tédio de não fazermos nada é como um tecido áspero sobre nossas costas.
Não direi “era uma vez”
Pois não será um conto de fadas
Nem os heróis “foram felizes para sempre”
— que não há fadas
e os heróis estão sepultados nos manuscritos antigos.



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

E assim, que história poderia contar-te
Sem uma gota de agonia e um pote de fel?
Talvez, no entanto, não nos queiramos distrair
Enquanto tivermos fome
E a imagem de crianças crucificadas persistir em nossas retinas.

4. Passa na rua uma carruagem de rodas douradas
Tirada por quatro puros-sangues árabes,
E nossa imaginação constrói palácios
— mas é apenas a charrete do verdureiro
com seus molhos de alface, couve, agrião
e puxada por um pangaré esquálido...
Pros lados da estação ouve-se o trem que apita:
Vagões de luxo cruzando a Europa?
Cargueiros conduzindo condenados aos campos de concentração?
Não vale a pena inventar aventuras...
O menino dos jornais passa gritando as manchetes do dia
— e então me vem à lembrança
que o poderíamos atrair ao nosso cubículo e am-
putar-lhe o sexo com a velha tesoura que foi
de nossa avó,
mas tu apenas deixas escapar um suspiro...
Numa outra lenda eu cheguei à janela do palácio
E vi, embaixo, uma criança riscando fósforos na parede para aquecer-
se do frio
E era meia-noite.
Então eu a trouxe para dentro
E a aqueci com um banho morno e agasalhos,
E depois deitei-me com ela na alcova nupcial.
Mas isso foi numa época fora da História
Em que os dragões vagavam pela face da Terra
E belas princesas adormeciam nos bosques.
Hoje, o que temos é esse cotidiano insípido e sem cor,
E um vaso de flores raquíticas no parapeito da janela.



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

5. O homem obeso do sexto andar subiu as escadas arfando.

Deves tê-lo ouvido: ele sempre sobe as escadas arfando

Quando o elevador está com defeito.

O homem obeso do sexto andar sobe as escadas arfando

Porque é obeso e porque mora no sexto andar,

Não porque o elevador está com defeito.

Pergunto-me se tem direito à vida

Alguém que é obeso e mora no sexto andar

E que sobe as escadas arfando,

Pois é verdade que o homem obeso do sexto andar

Quando o elevador está com defeito

Arrasta sua vida inútil escada acima

escada abaixo

escada acima

escada abaixo

Sempre arfando

E, o que é pior, suando em bicas.

Meu Deus, como é feio ser obeso e morar no sexto andar,

E, quando o elevador está com defeito,

Subir as escadas arfando e suando em bicas!

Então eu me pergunto se Deus também é obeso e mora no sexto andar,

E se sobe as escadas arfando,

E se por acaso sua em bicas,

Porque o homem obeso que mora no sexto andar

E que sobe as escadas arfando quando o elevador está com defeito

Foi feito à Sua imagem e semelhança.

(Então eu me pergunto também se o Paraíso fica num sexto andar

E se o elevador está sempre com defeito

E se tem escadas tão íngremes a subir...)



Monotipia/aquarela à base de café,
29 cm x 42 cm

6. Os dias são sempre iguais.

Seguimos costurando as horas como retalhos duma colcha

E os interstícios se compõem de fiapos mal cerzidos...

Tu segues da sala para o quarto,

do quarto para o banheiro,

do banheiro para a cozinha

e da cozinha de volta à sala.

O que ganhaste com tal passeio?

Julgas por acaso ter dado volta ao mundo?

Eu continuei neste canto,

Levantei-me apenas para dar mais uma espiada pela frincha

E talvez tenha feito mais do que tu.

É sempre fazer mais não fazer nada do que fazer inutilidades,

É sempre viajar mais permanecer imóvel num canto

Do que ir daqui pr'ali sem um propósito claro,

É sempre melhor espiar pela frincha

Do que ir para o quarto, e para o banheiro, e para a cozinha e voltar à

sala porque ir para o quarto, para o banheiro,

para a cozinha e voltar à sala consumiu-se em

passos inúteis, enquanto mais simples seria

continuar folheando revistas velhas.

Por que nos enganarmos andando em círculos dentro do nosso cubí-

culo para fingir um castelo que não temos?

É por essa razão que só temos direito às frinchas,

Que não devemos afastar o reposteiro

E abrir as vidraças:

Dos cubículos não se afastam reposteiros nem se abrem vidraças.

O vazio da vida

Não se preenche com o vazio da existência.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

7. Às vezes agrada-me ouvir os pássaros.
Já ouviste os pássaros alguma vez?
Não, não ouviste os pássaros,
O que ouviste foram gravações...
Nos cubículos não se tem direito ao canto dos pássaros
— quando muito a uns ecos esgarçados vin-
dos de fora,
uns pipilos distantes,
uns pios lamentosos,
mas isso não é o canto dos pássaros...

8. Sob nossa janela desdobra-se o dia com o passeio dos transeun-
tes,

a buzina dos automóveis,
o grito das ambulâncias
e a sirene dos carros de polícia,
o apito do guarda de trânsito,
o tropel das crianças do grupo escolar,
o cão sem dono farejando restos,
o mendigo com a latinha de esmolos,
o homem que carrega fardos,
a mulher que carrega o filho,
o banqueiro que carrega dinheiro,
o vagabundo que não carrega nada,
a prostituta com sua pureza,
o leproso com suas chagas,
o louco com sua loucura,
o suicida com sua solidão,
o maldito com sua maldição,
o incessante vaivém cotidiano...

Sob nossa janela, essa mixórdia se chama
o mundo
e é uma coisa triste.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

9. O velho da casa ao lado costumava sentar no banco da praça
E dar milho aos pombos.
Todas as tardes lá estava o velho da casa ao lado
E à sua volta um bando de pombos.
O velho da casa ao lado usava cachênê
E óculos de lentes escuras devido a uma enfermidade das vistas,
Mas as luvas que trazia não disfarçavam a tremura de suas mãos.
O velho não senta mais no banco da praça
E os pombos talvez tenham sentido sua falta.
É que o velho morreu no último inverno
Mas o banco da praça ficou para outras pessoas,
E a praça lá está
Para acolher os pombos em sua revoadada.
De que vale o mundo
Se é menor que a praça?
De que vale a vida
Se dura menos que o banco da praça?

10. Mas tu me dirás que a dor alheia não é a nossa própria dor
E por isso não precisamos ter medo.
Podemos até nos divertir um pouco:
Ligar a TV
E ouvir sobre o mundo em ruínas
Que homens cegos teimam, dia-a-dia, em reconstruir.
Por que deveríamos nos preocupar,
Tu dizes,
Se quando tratar-se da nossa dor ninguém se preocupará conosco?
Então eu estremeço:
Pois a dor alheia não nos incomoda mais.
E ainda uma vez estremeço:
A nossa dor não incomodará a ninguém.



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

11. E espiando pela frincha

Avistei a mulher magra e humilde
Que cruza a rua em frente com passos curtos e ligeiros
Carregando um pacote.
A mulher magra se veste de preto,
Transporta o pacote como quem leva um tesouro
E julga que isso faz dela alguém,
Mas são apenas miudezas sem valor que vão em seu pacote
E a mulher é tão magra e cinzenta,
Sua pessoa tão pouca,
Seu ser tão escasso
Que quase não chega a ser ninguém;
Amanhã voltará a cruzar a rua do mesmo jeito
Carregando do mesmo jeito o mesmo pacote
(pois todos os pacotes são sempre o mesmo pacote),
E fará isso de propósito para irritar-me
— ainda que não o saiba.

A mulher magra e humilde
Com suas roupas escuras e seu pacote
Terá também sua frincha pela qual observa o mundo
— não aquele a que não tem direito,
mas, como nós, o único a que lhe cabe observar.

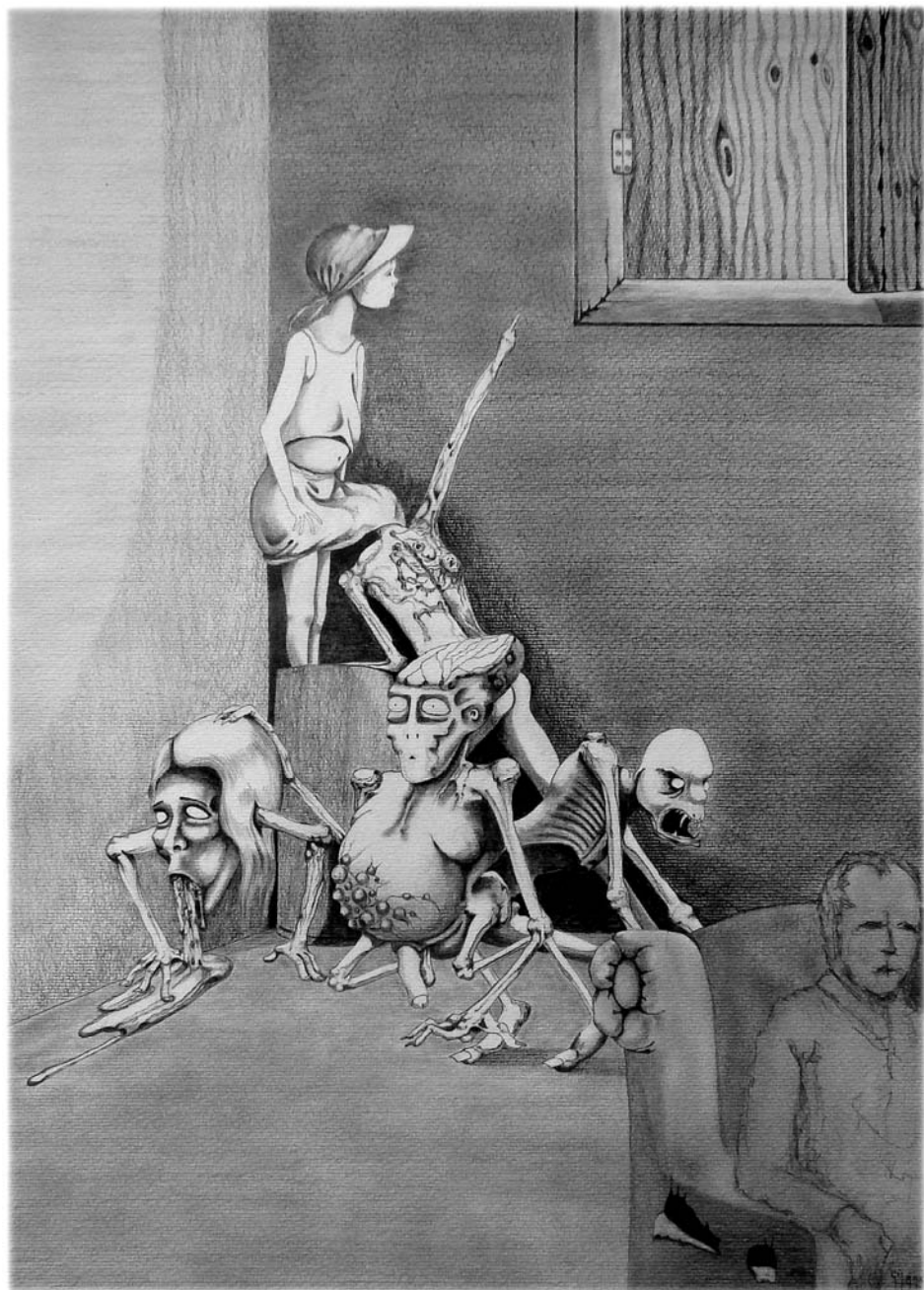
Mas não será que essa mulher magra
com seu pacote,
seu vestido preto,
seu ar de humildade
seus passos curtos ligeiros —

Não será que ela, com seu ser resumido, solta um grito de guerra,
tímido, é bem verdade,
que ninguém escuta,
mas ainda assim um grito,

E se impõe ao mundo — ainda que ninguém veja —

E com seu gesto de atravessar a rua em passos curtos e ligeiros transportando um pacote queira dizer “*estou aqui*”?

A vida que se resume em atravessar ruas
com passos curtos e ligeiros
e carregando pacotes,



Desenho a lápis, 42 cm x 59 cm



Desenho a lápis, 29 cm x 42 cm

Que aquele infeliz talvez não tenha uma frincha,
Mas, em compensação,
Possui a graça de ter uma mulher a quem espancar de vez em quando.

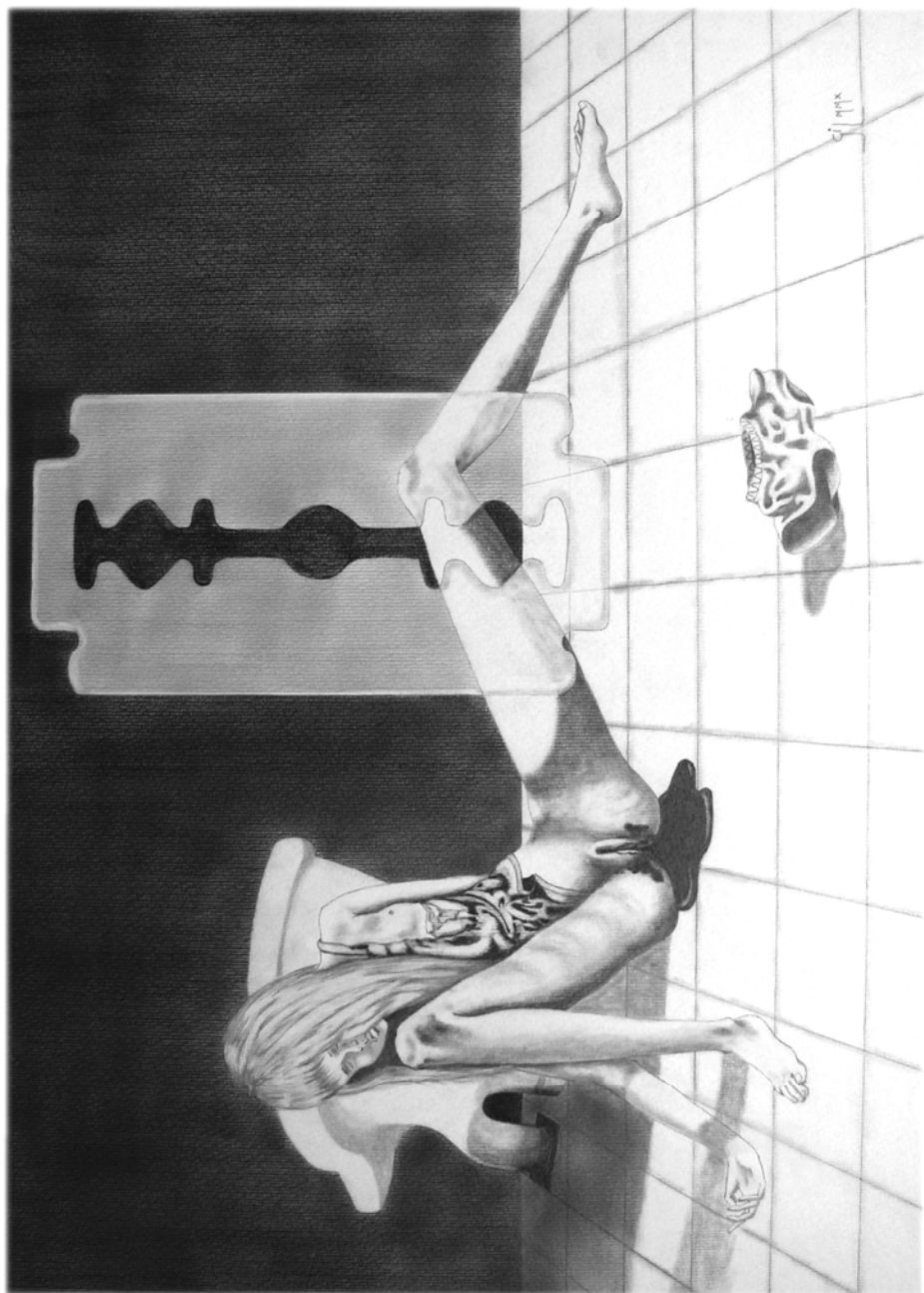
13. Podíamos bater o pó do tapete da sala na área dos fundos
— sempre seria sairmos um pouco de nossa inércia

—
Mas como pesa o tapete da sala!
Além do mais não vale a pena:
Logo estaria empoeirado outra vez
E como uma poeira é igual a qualquer poeira,
Deixa-o como está, que está bem.

[“Um quilo de feijão e três de arroz,
Dois quilos de batata e um de farinha,
Uma dúzia de ovos e um naco de carne de segunda...”
É que tu resolves, por não teres nada a fazer, fazer a lista de compras,
Mas há que apelar para o bom-senso:

quem tem de seu apenas espiar pela fresta do
reposteiro mal afastado
não precisa de uma lista de compras —
de que vale tomar nota de miudezas que sa-
bemos de cor?
Mais útil seria nos dependurarmos pelo pes-
coço
no lustre da sala
com uma corda nova (para termos a certeza
de que não vai romper-se com nosso peso).]

Sentimos ferrugem em nossos ossos
E uma dor nas costas que responde na alma.
Deve ser esse tempo úmido,
Esse frio que congela dos alicerces do prédio
Ao nosso esqueleto corroído...
E esse barulho no forro do teto são ratos...
Ratos que roem nossa solidão
E vão construir seu ninho nas gavetas da cômoda.



Desenho a lápis, 42 cm x 59 cm

Através da frincha
As luzes do anoitecer supõem cores diversas de gás neon
Nas paredes encardidas do nosso tugúrio.
Dentro de nós o Ângelus é um coral que se entoa numa igreja mal-
assombrada;
Fora de nós, muros muito altos de concreto
Tolhem nosso caminho:
Descobrimos estar presos
numa liberdade ilusória.

14. A música do apartamento ao lado silenciou

E o que ficou foi apenas o tique-taque do relógio de parede.

“Põe um disco” tu dizes,

“Não precisamos escutar a música do apartamento ao lado”.

Mas o que não compreendes é que a música do
apartamento ao lado é a única que nos pode inter-
essar, porque é a que não temos, assim não vale a
pena pôr um disco ou ligar o rádio, mesmo que
seja para ouvir aqui a mesma música que tocava
no apartamento ao lado, pois ouvi-la aqui não se-
ria ouvir a mesma música que tocava no aparta-
mento ao lado, e assim só estaríamos nos enga-
nando.

Mas talvez seja tudo mesmo um lamentável engano

E não tenhamos saída.

Como sustentar que faz sentido esse mistifório a que dão o nome de
urbs?

Vive-se a falácia de que estarmos aqui obedece à vontade de Deus.

Mas será possível que Ele tenha um gosto tão pouco refinado?

Eis o ruído dos motores e a eletricidade enchendo as ruas,

O vozerio da multidão

Mas o silêncio dos condenados;

A vontade da Lei

Mas o poder do crime;

Os cânticos de louvor e a oração,

Mas também a maldição e o descaso...

E estremeço ainda:



Desenho a lápis, 21 cm x 29 cm

num jogo ilusório
E tu chegas à porta com meias de lã e pantufas,
E a caneca de chá.
Não, eu digo, prefiro uma dose de arsênico
E tu sorris sorvendo aos golinhos o chá fumegante.
Já é tarde e, fora, o burburinho se aquieta aos poucos
Enquanto no andar de cima escutamos os passos rápidos da moça de
saltos altos
Que pisa o chão com vigor e se prepara para sair:
A moça de saltos altos está para iniciar seu expediente,
E verificando a bolsa se afasta
— seus passos diminuem com a distância no
andar de cima;
avançando pelos corredores e descendo as escadas
perdem-se em Naxos,
a noite a engoliu feito um Minotauro faminto.
Tu ficas pensando na moça de saltos altos do andar de cima
E em sua vida noturna
Enquanto bebes o chá;
Eu arrumo miudezas sobre a cômoda,
Abro e fecho gavetas como se houvesse um propósito nisso,
Abotoo o pijama de flanela a que a viração obrigou-me.
É hora de dormir
Mas tu ainda deves levar a xícara até a cozinha
E escovar os dentes.
Um pouco mais tarde apaga-se a luz,
A frincha resta esquecida
E por mais uma noite adormecemos tranqüilos.

Sobre os homenageados

Orlando Dasilva (1923 - 2012) é um nome ímpar no cenário das artes plásticas nacionais, seja como pintor, seja como gravador, seja como crítico arguto e de olhar percuciente. Iniciou-se na gravura com Carlos Oswald e trilhou, com personalidade e singularidade, o árduo caminho da arte através de uma vida longa e grandemente produtiva.

Ludwika Piekut, esposa de Orlando, é uma intelectual de grande sensibilidade e, a exemplo do esposo, capaz igualmente de exprimir-se em relação a uma obra de arte com grande agudeza, demonstrando raro senso de percepção artística — ela própria uma artista plástica de notável talento, que todavia só atua nas horas vagas (o que é uma pena).

Datas dos poemas:

Diálogo da Agonia — 27/09/2002
Anoitecer — abr/mai 2005
Sinais — 25-27/05/2005
Tédio — 14/06/2005
Santificação — 22-24/07/2005
Para escrever um poema — 06/09/2005
Profecia — 09-15/09/2005
Crime — 15/06/2006
A construção do poema — 26/01/2006
(despe tua roupa) — 08/06/2006
Desequilíbrio — 08/06/2006
Revelação — 05/08/2006
Flores — 20/10/2006
Escrava — 22/02/2007
Amor desesperado — 03/06/2008
(viver é um vão) — 15/11/2007
Na alcova nupcial — 30/07/2008
Os que chegam sem rumor — 05/08/2008
Ludíbrico — 06/09/2008
Vigília — 13/09/2008
Agonia — 15/11/2008
Turbação — 20/11/2008
A lâmpada apagada — 18-22/07/2009
Testamento — 16/01/2009



Eu sou Gil Cleber, nasci na Fazenda da Boa Vista, em Paty do Alferes/RJ, e sou escritor, poeta e pintor, além de dedicar-me ultimamente à fotografia amadorística. Passei a interessar-me por arte e literatura ainda na adolescência, época em que comecei a pintar e a escrever – atividades que, pelos anos afora, se fizeram acompanhar da leitura de muitos livros. Naquela época eu pintava com guache e aquarela, e quase nada do que produzi então “sobreviveu”.

Ingressando na vida adulta houve um longo período de interrupção na pintura. Retomei a arte aos vinte e sete anos, passando a trabalhar exclusivamente com óleo. Minha pintura é essencialmente surrealista, com breves incursões em outras “maneiras”, e pode ser vista em meu *site*, www.gilcleber.com.br.

Da mesma forma, quase nada do que escrevi naqueles começos foi preservado por não possuir qualidade alguma. Quanto a isso, costumo estabelecer minha maturidade nesse campo entre os anos de 1987 e 1990, quando escrevi o romance **O Som da Chuva, ou o diálogo dos mortos**, não publicado, mas que já revela segurança na arte de escrever.

Escrevi diversos romances, livros de contos e de poesias; tenho publicado (em edição regular) o romance **No caminho para Muito Longe**, e em edição artesanal alguns livros de poesia. Tenho publicado pela Editora Ciência Moderna o livro **O Mosqueteiro do Rei**, sobre a obra problemística (xadrez) do problemista brasileiro Félix Sonnenfeld. Outros textos de minha autoria podem ser lidos também em meu *site*, onde há ainda em formato PDF os seguintes livros:

- **Monólogos** (poesia)
- **Um corpo sem sombra** (poesia)
- **Vento e folhas** (poesia)
- **A lenda de Chapeuzinho Vermelho** (contos)
- **A Teoria da Relatividade, de Einstein** (divulgação científica)



De uma árvore seca
alça vôo o pássaro da agonia.
Esse ruflar de asas
É a maldição do Tempo
Que te acolhe em seu seio.